



Gabinete da Vereadora do Planeamento Urbano,
Equipamentos Municipais e Infraestruturas

PROPOSTA Nº 63/2010/CM

Atribuição de Topónimos

Como é do conhecimento geral a cidade de Faro apresenta um elevado número de arruamentos com ausência de topónimos, provocando com isso graves problemas às populações, bem como à normal relação entre estas e as diversas entidades oficiais.

Ciente dessa problemática a Câmara Municipal procurou desde logo promover um conjunto de medidas visando a resolução desta situação.

É assim que é determinada a elaboração do Regulamento de Toponímia e Numeração de Policia do Município de Faro, que mereceu aprovação em Reunião de Câmara de 02/12/2009 e da Assembleia Municipal de 23/02/2010, na sequência do qual e conforme prevê o seu art.º 4º, foi constituída a Comissão Municipal de Toponímia.

Tendo a referida Comissão realizado a sua 1ª reunião no dia 12 de Março de 2010, apreciou na mesma, um conjunto de topónimos anteriormente aprovados pela Câmara em 24/04/2008 que, por situações diversas, viram a sua atribuição suspensa em 05/08/2008, tendo sido confirmados os nomes constantes da lista que ora se apresenta.

Tratando-se assim de um retomar do processo de atribuição de toponímia, e dado que a grande maioria dos nomes atribuídos, já de alguma forma tinham sido do conhecimento e assimilação pelos munícipes, concordou-se que se manteriam as localizações já apontadas, sendo que em próxima proposta, seriam enquadrados os arruamentos em falta.

Assim, nos termos do nº 1 , alínea v) do art.º 64º da Lei 169/99 de 18 de Setembro, com as alterações introduzidas pela Lei nº 5-A/2002, de 11 de Janeiro, tenho a honra de propor à Câmara Municipal:

- A aprovação dos topónimos a seguir indicados, de acordo com a localização e nota biográfica respectiva, apresentada em anexo.

- Rua Natália Correia
- Rua José Ricardo Samora Barros
- Rua de S. Tomás de Aquino
- Rua Maestro Armando Alberto Tavares Belo
- Rua Cidade da Praia
- Rua Dr. José Domingos Garcia Domingues

- Rua António Guerreiro da Silva Gago
- Praceta Maria Alexandrina Pires Chaves Berger
- Praceta Maria Clementina Borges de Sá
- Praceta António Cintra
- Rua António Santos (Tóssan)
- Rua Vicente de Ossónoba
- Rua Alves Redol
- Rua Joaquim António Viegas
- Rua António Gedeão
- Rua Filipe Ferrer
- Avenida Mário Augusto Barbosa Lyster Franco
- Praceta Dr. Lázaro Doglioni
- Praceta Melvin Jones
- Praceta Francisco Xavier Fabri
- Rua D. Júlio Tavares Rebimbas
- Rua António de Matos Cartuxo
- Rua Moto Clube de Faro
- Passeio de Abu Said Ibn Harune
- Rua Cidade de Huelva
- Rua Grupo de Teatro Lethes
- Praceta do Instituto D. Francisco Gomes
- Rua Raul de Matos
- Travessa Maria Vitória Matos

Paços do Concelho, 19 de Março de 2010

A Vereadora do Planeamento Urbano,
Equipamentos Municipais e Infraestruturas,

Teresa Correia

DENOMINAÇÃO	INICIO	TÉRMINOS
Rua Natália Correia	impasse	Rua Corina Freire
Rua José Ricardo Samora Barros	Avenida Mário Augusto Barbosa Lyster Franco	Rua Natália Correia
Rua de S. Tomás de Aquino	Avenida Mário Augusto Barbosa Lyster Franco	Rua Natália Correia
Rua Maestro Armando Alberto Tavares Belo	impasse	Avenida Mário Augusto Barbosa Lyster Franco
Rua Cidade da Praia	Estrada da Sra da Saúde	Rua Engº Nuno Abecassis
Rua Dr. José Domingos Garcia Domingues	Rua do Alportel	Avenida Mário Augusto Barbosa Lyster Franco
Rua António Guerreiro da Silva Gago	Rua do Alportel	Rua Dr. José Domingos Garcia Domingues
Praceta Maria Alexandrina Pires Chaves Berger	Rua António Guerreiro da Silva Gago	Rua António Guerreiro da Silva Gago
Praceta Maria Clementina Borges de Sá	Rua António Guerreiro da Silva Gago	Rua António Guerreiro da Silva Gago
Praceta António Cintra	Rua António Guerreiro da Silva Gago	Rua António Guerreiro da Silva Gago
Rua António Santos (Tóssan)	Rua Alves Redol	Impasse
Rua Vicente de Ossónoba	s/designação	s/designação
Rua Alves Redol	Rua Dr. Pinheiro e Rosa	Rua António Santos (Tóssan)
Rua Joaquim António Viegas	Av 25 de Abril	Rua Dr. Pinheiro e Rosa
Rua António Gedeão	Impasse	Rua Dr. Pinheiro e Rosa
Rua Filipe Ferrer	Av 25 de Abril	Caminho Manuel Vicente
Avenida Mário Augusto Barbosa Lyster Franco	R. do Alportel	Estrada da Sra da Saúde
Praceta Dr. Lázaro Doglioni	Rua Olímpio Passos Valente	Rua Olímpio Passos Valente
Praceta Melvin Jones	Rua Pintor Artur Costa	Rua Pintor Artur Costa
Praceta Francisco Xavier Fabri	S/designação	s/designação
Rua D. Júlio Tavares Rebimbas	Rua António de Matos Cartuxo	Estrada da Penha
Rua António de Matos Cartuxo	Rua Monsenhor Henrique Ferreira da Silva	Impasse
Rua Moto Clube de Faro	Rua reitor Teixeira Guedes	Estrada de S. Luís
Passeio de Abu Said Ibn Harune	s/designação	Avenida da República
Rua Cidade de Huelva	Estrada do Cais	s/designação
Rua Grupo de Teatro Lethes	Rua Azevedo Coutinho	Rua Dra. Fernanda Mealha
Praceta do Instituto D. Francisco Gomes	Rua Dr. José de Matos	Rua Dr. José de Matos
Rua Raul de Matos	Rua Dr. Joaquim da Rocha Peixoto Magalhães	Rua Almirante António Ramalho Ortigão
Travessa Maria Vitória Matos	R. Vale de Carneiros	Caminho Manuel Vicente

Índice

Rua Natália Correia	2
Rua Ricardo Samora Barros.....	6
Rua S. Tomás de Aquino.....	9
Rua Maestro Armando Alberto Tavares Belo.....	12
Rua Cidade da Praia	15
Rua Dr. José Domingos Garcia Domingues	17
Rua António Guerreiro da Silva Gago.....	20
Praceta Maria Alexandrina Chaves Berger	23
Praceta Maria Clementina Borges de Sá.....	27
Praceta António Cintra.....	30
Rua António Santos "Tossan"	32
Rua Vicente de Ossónoba	35
Rua Alves Redol.....	37
Rua Joaquim António viegas	40
Rua António Gedeão	44
Rua Filipe Ferrer.....	47
Avenida Mário Augusto Barbosa Lyster Franco.....	49
Praceta Dr. Lázaro Doglioni.....	52
Praceta Melvin Jones	54
Praceta Francisco Xavier Fabri.....	57
Rua D. Júlio Tavares Rebimbas	60
Rua António de Matos Cartuxo.....	62
Rua Moto Clube de Faro	65
Passeio Abu Ibn Harune.....	69
Rua Cidade de Huelva.....	71
Rua Grupo de Teatro Lethes	73
Praceta do Instituto D. Francisco Gomes	75
Rua Raul de Matos.....	78
Travessa Maria Vitória Mattos	81



Rua Natália Correia

Nota Biográfica:

Natália de Oliveira Correia (13 de Setembro de 1923 - 16 de Março de 1993) foi uma intelectual e activista social de origem açoriana, autora de extensa e variada obra publicada, com predominância para a poesia. Deputada à Assembleia da República (1980-1991), interveio politicamente ao nível da cultura e do património, na defesa dos direitos humanos e dos direitos das mulheres.

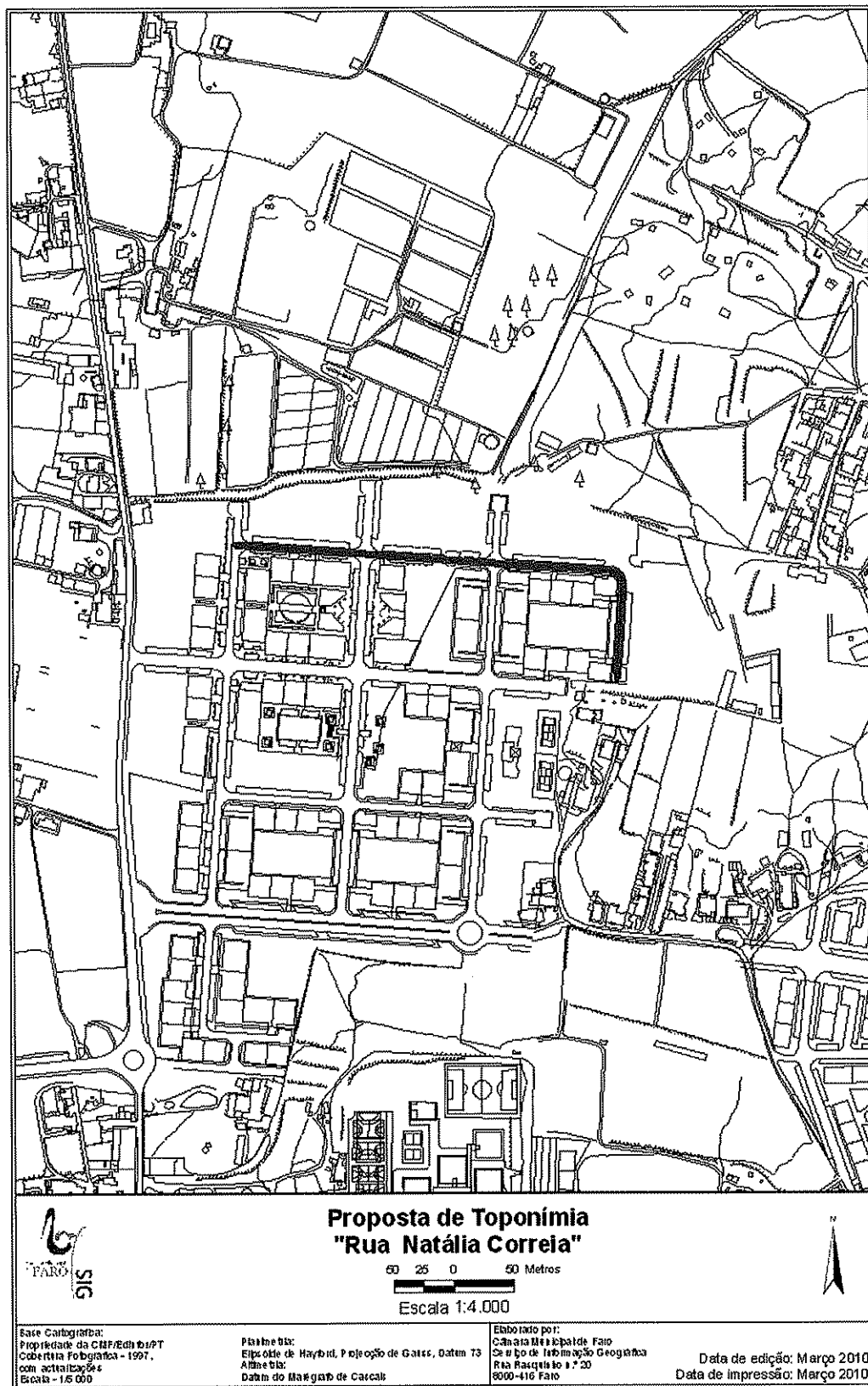
Autora da letra do Hino dos Açores. A obra de Natália Correia estende-se por géneros variados, desde a poesia ao romance, teatro e ensaio. Colaborou com frequência em diversas publicações portuguesas e estrangeiras. Foi uma figura central das tertúlias que reuniam em Lisboa nomes centrais da cultura e da literatura portuguesas nas décadas de 1950 e 1960. Ficou conhecida pela sua personalidade livre de convenções sociais, vigorosa e polémica, que se reflecte na sua escrita. A sua obra está traduzida em várias línguas.

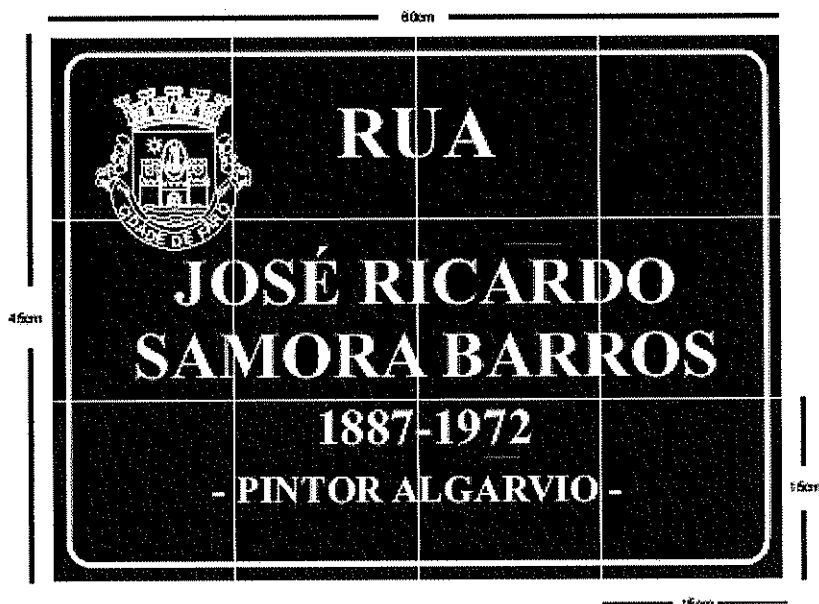
Natália Correia recebeu, em 1991, o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro Sonetos Românticos. No mesmo ano foi-lhe atribuída a Ordem da Liberdade; era já detentora da Ordem de Santiago.

Bibliografia activa

- Grandes Aventuras de um Pequeno Herói (Romance Infantil), 1945
- Anoiteceu no Bairro (Romance), 1946; 2004
- Rio de Nuvens (Poesia), 1947
- Descobri Que Era Europeia: Impressões duma viagem à América (Viagens), 1951; 2002
- Sucubina ou a Teoria do Chapéu (Teatro), em colaboração com Manuel de Lima, 1952
- Poemas (Poesia), 1955
- Dimensão encontrada (Poesia), 1957
- O Progresso de Édipo (Poema Dramático), 1957
- Passaporte (Poesia), 1958
- Poesia de Arte e Realismo Poético (Ensaio), 1959
- Comunicação (Poema dramático), 1959
- Cântico do País Emerso (Poesia), 1961
- A Questão Académica de 1907 (Ensaio), 1962
- Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: dos cancioneiros medievais à actualidade (Antologia), 1965; 2000
- O Homúnculo, tragédia jocosa (Teatro), 1965
- Mátria (Poesia), 1967
- A Madona (Romance), 1968;2000
- O encoberto (Teatro), 1969;1977
- O Vinho e a Lira (Poesia), 1969
- Cantares dos Trovadores Galego - Portugueses (Antologia), 1970;1998
- As Maças de Orestes (Poesia), 1970
- Trovas de D. Dinis, (Trobas d'el Rey D. Denis) (Poesia), 1970
- A Mosca Iluminada (Poesia), 1972
- O Surrealismo na Poesia Portuguesa (Antologia), 1973;2002
- A Mulher, antologia poética (Antologia), 1973
- O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro (Poesia), 1973
- Uma Estátua para Herodes (Ensaio), 1974
- Poemas a Rebate, (poemas censurados de livros anteriores) (Poesia), 1975
- Epístola aos lamitas (Poesia), 1976
- Não percas a Rosa. Diário e algo mais (25 de Abril de 1974 – 20 de Dezembro de 1975) (Diário), 1978; 2003

- O Dilúvio e a Pomba (Poesia), 1979
- Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente (Teatro), 1981;1991
- Antologia de Poesia do Período Barroco (Antologia), 1982
- Notas para uma Introdução às Cantigas de Escárnio e de Mal – Dizer Galego -Portuguesas (Ensaio), 1982
- A Ilha de Sam Nunca: atlantismo e insularidade na poesia de António de Sousa (Antologia), 1982
- A Ilha de Circe (Romance), 1983; 2001
- A Pécora, peça escrita em 1967 (Teatro), 1983;1990
- O Armistício (Poesia), 1985
- Onde está o Menino Jesus? (Contos), 1987
- Somos todos Hispanos (Ensaio), 1988; 2003
- Sonetos Românticos (Poesia), 1990; 1991
- As Núpcias (Romance), 1992
- O Sol nas Noites e o Luar nos Dias (Poesia Completa), 1993;2000
- Memória da Sombra, versos para esculturas de António Matos (Poesia), 1993
- D. João e Julieta, peça escrita em 1959 (Teatro), 1999
- A Ibericidade na Dramaturgia Portuguesa (Ensaio), 2000
- Breve História da Mulher e outros escritos (Antologia de textos de imprensa), 2003
- A Estrela de Cada Um (Antologia de textos de imprensa), 2004





Rua Ricardo Samora Barros

Nota Biográfica: Pintor, pedagogo e poeta.

Nasceu em Albufeira, a 3 de Abril de 1887.

Faleceu em Silves, a 10 de Janeiro de 1972.

Matriculou-se na Faculdade de Direito de Coimbra onde não prosseguiu os estudos. Depois de se debruçar sobre os grandes filósofos, numa busca de conhecimento extra-escolar entendeu que a sua carreira haveria de ser no campo da arte, ainda que sem abandonar o gosto pelas letras, que manifestara desde cedo, tendo a atestá-lo a Monografia de Albufeira e a colaboração nos periódicos Terras de Portugal, Internacional, Diário de Notícias, Alma Nova e, sobretudo, em A Voz do Sul, de Silves, do qual foi redactor - principal. Produziu poemas, sobretudo sonetos.

Um esboço da capa para um livro de sonetos faz parte do seu espólio, em conjunto com um caderno de desenho e a planta da sua bela Casa do Cerro, entre outros documentos. Nos anos 1911-1917, faz um brilhante curso de pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, com várias distinções ao longo do percurso académico, óptimo passaporte para singrar na capital, onde passa ao lado das polémicas do meio artístico e intelectual. Recusa convites e parte para o Algarve, onde pinta, de forma continuada, até ao fim da vida.

Admirador da natureza, deixa-nos, no conjunto da sua obra, belíssimas paisagens algarvias (mar e terra), que são património nacional valiosíssimo. Com mão de Mestre e olhar de

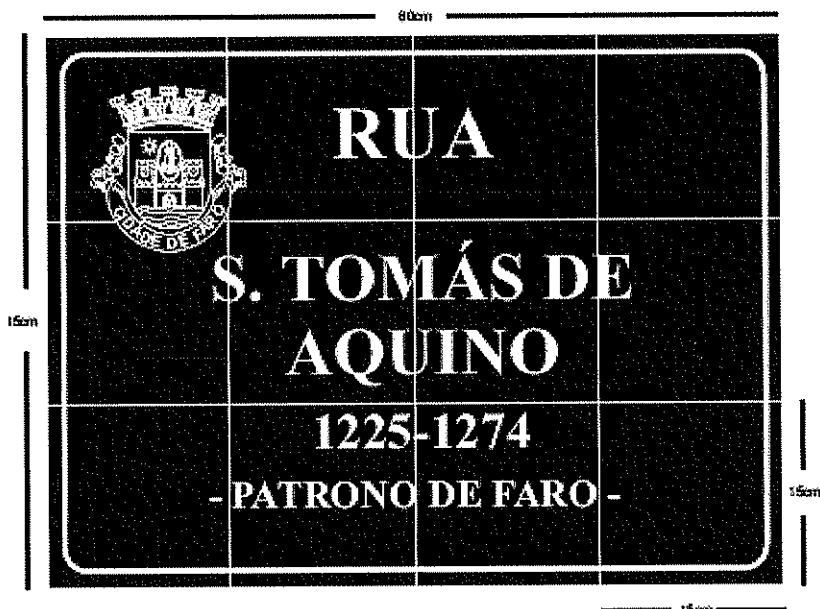
psicólogo, fez retratos em cuja arte se distinguiu. São da pintora Margarida Tengarrinha – um dos seus biógrafos – as seguintes palavras: Os retratos de Samora Barros constituem talvez a parte mais rica da sua obra, revelando não só uma grande mestria, mas também uma particular acuidade na interpretação da personalidade dos retratados, sendo que a própria pintora, quando jovem, foi por ele retratada.

Criado, em Silves, a Escola Industrial e Comercial, foi nomeado professor de Desenho e aí exerceu o ensino durante 40 anos. Foi pedagogo de excepção. Explicou, estimulou os aptos e os menos aptos. Democrata no ser e no estar, igualou, na actuação pedagógica, rapazes e raparigas, alunos pobres e alunos ricos.

Samora Barros participou em mais de uma dezena de exposições colectivas em Lisboa, principalmente na sociedade nacional de Belas Artes e numa exposição no Brasil. As Câmaras Municipais de Albufeira e de Silves promoveram exposições póstumas das suas obras. Albufeira, nos anos de 1972, 75, 87 e 89; Silves em 1979, 87, 89, 90 e 1993.

As obras do pintor encontram-se representadas, no Algarve, no Museu de Santo António de Lagos, no Museu Marítimo de Faro, na Igreja Matriz de Albufeira e na Associação dos Industriais de Panificação de Faro; em Lisboa, no Montepio Geral e na Figueira da Foz, no museu Dr. Santos Rocha.





Rua S. Tomás de Aquino

Nota Biográfica:

Santo Tomás de Aquino, OP, (Roccasecca, 1225- Fossanova, 7 de Março 1274) foi um frade dominicano e teólogo italiano.

Foi o mais distinto expoente da Escolástica. Foi proclamado santo pela Igreja Católica e cognominado de *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus*.

Nascido em família nobre numa pequena localidade perto de Aquino, filho do Conde de Aquino, foi levado à abadia beneditina de Montecassino onde recebeu a educação, a sua família esperava que viesse a ser monge beneditino e tinha a esperança de um dia vir a ser abade daquele mosteiro.

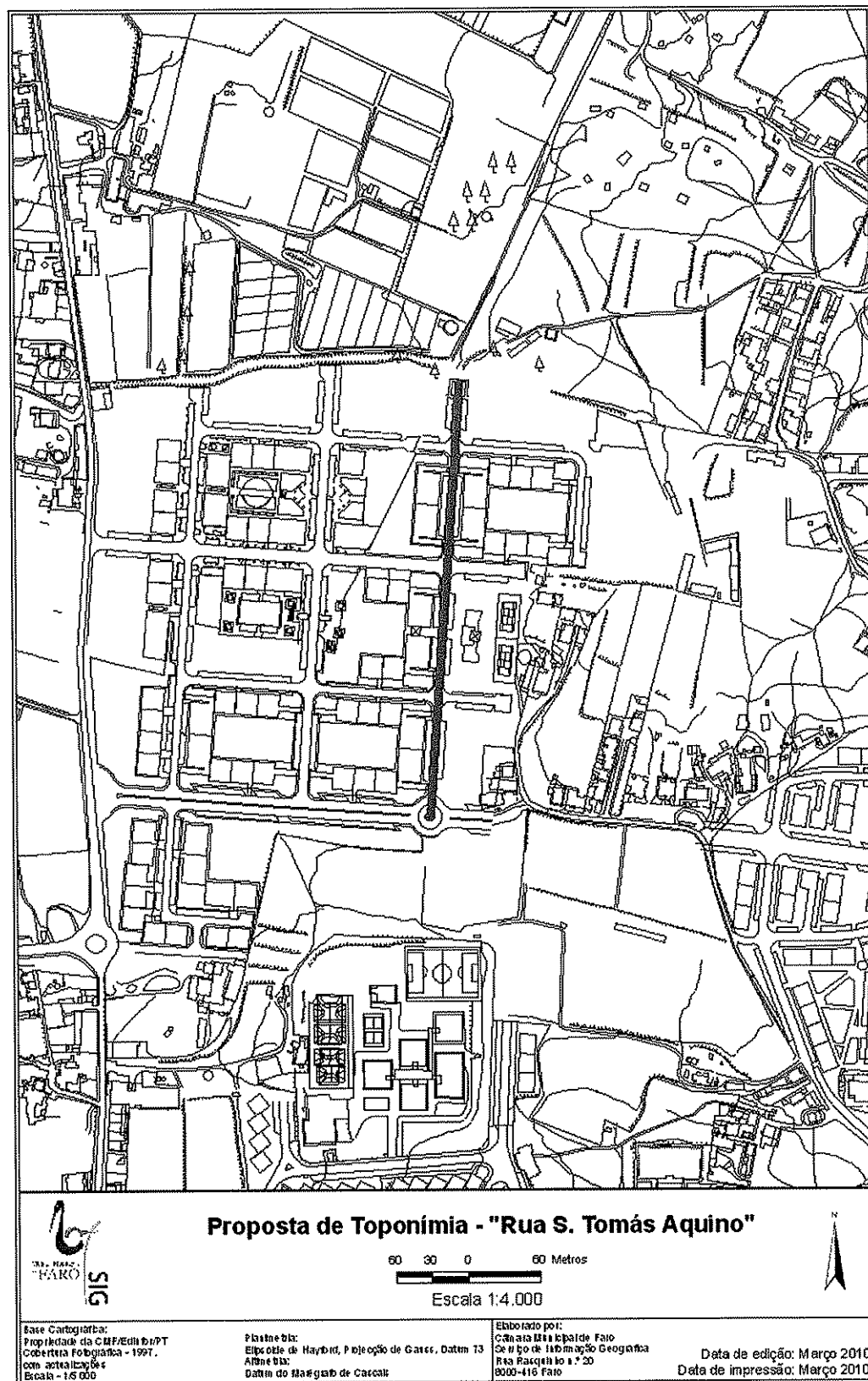
Aos 19 anos fugiu de casa para, contra o desejo dos pais, se juntar aos dominicanos mendicantes, entrando na Ordem fundada por São Domingos de Gusmão.

Estudou filosofia em Nápoles e depois em Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Estudou teologia em Colónia e em Paris tornou-se discípulo de Santo Alberto Magno que o “descobriu” e se impressionou com a sua inteligência. Por este tempo foi apelidado de “boi mudo”. Dele disse Santo Alberto Magno: “Quando este boi mugir, o mundo inteiro ouvirá o seu mugido.”

Foi mestre na Universidade de Paris no reinado de São Luiz e seus interesses não se restringiam a religião e filosofia, tendo também dado atenção ao estudo de alquimia, publicando uma importante obra alquímica –“Aurora Consurgens”.

Morreu na Abadia de Fossanova, quando se dirigia para Lião a fim de participar do Concílio de Lião, a pedido do Papa.

S. Tomás de Aquino é o patrono da cidade de Faro, estando a sua estátua, colocada no nicho do Arco da Vila mandado erigir pelo Bispo D. Francisco Gomes do Avelar nos primórdios do Século XIX, segundo projecto do Arquitecto Maliano Francisco X. Fabri.





Rua Maestro Armando Alberto Tavares Belo

Nota Biográfica: Pianista, maestro e compositor.

Nasceu em Faro, a 20 de Novembro de 1911.

Faleceu em Cascais, a 13 de Dezembro de 1993.

Revelando desde a mais tenra idade “grande ouvido para a música”, cedo a família cuidou da sua educação musical, ainda mesmo antes de aprender a ler e escrever.

Estava longe a criação do Conservatório do Algarve, que aliás, não receberia alunos de tão tenra idade. O pequeno Armando foi, pois, aprendendo solfejo e piano em aulas particulares.

Reconhecidos os seus méritos, ainda adolescente foi convidado a participar num grupo musical. Com 17 anos, profissionaliza-se e actua, como pianista, no café Montanha, em Faro.

Integrado em orquestras, actuou nos locais da moda da época: Casino do Estoril, Casino da Figueira da Foz e no Maxime, dos mais conhecidos dancings de Lisboa.

Como pianista e como autor de famosas melodias para mais de 30 revistas, o seu nome ficou ligado ao teatro e a artistas como Corina Freire, também ela algarvia, Beatriz Costa, Laura Alves, Max e muitos outros.

Depois de algumas aparições em programas da, então, Emissora Nacional, hoje Rádio Difusão Portuguesa (RDP), entra definitivamente para aquela estação radiofónica como compositor do

gabinete de "Estudos Musicais", vindo, quatro anos depois, a ser director e maestro da Orquestra Ligeira da Emissora Nacional. Em 1983, aquela estação, já então RDP, mas ainda nas instalações do Quelhas, promove-lhe uma homenagem, num espectáculo no teatro *São Luiz* em que participa a Câmara Municipal de Lisboa e a Banda da Associação Filarmónica de Faro.

Em Paris, no *Olympia*, dirigiu a orquestra nas "Olimpíadas da Canção" de 1967, num espectáculo com vários artistas portugueses entre eles os grandes valores da música portuguesa, Amália Rodrigues e Carlos Paredes.

Foi colaborador da Rádio Televisão Portuguesa (RTP) nos festivais da Canção e noutros eventos pontuais. Dirigiu a Orquestra no *I Festival da Eurovisão* em 1964 e na Áustria no *IV Festival* na interpretação portuguesa.

Com o realizador de cinema Henrique de Campos colaborou, fazendo as bandas sonoras para os filmes, "Rosa de Alfama" (opereta cinematográfica) e "Duas Causas", no qual se estreou a grande actriz algarvia Mariana Vilar.

Apaixonado pela música de jazz, criou uma orquestra *Swing*, de grande qualidade, que integrava solistas da Orquestra Ligeira da Emissora Nacional e que teve imenso sucesso nos anos quarenta e cinquenta.

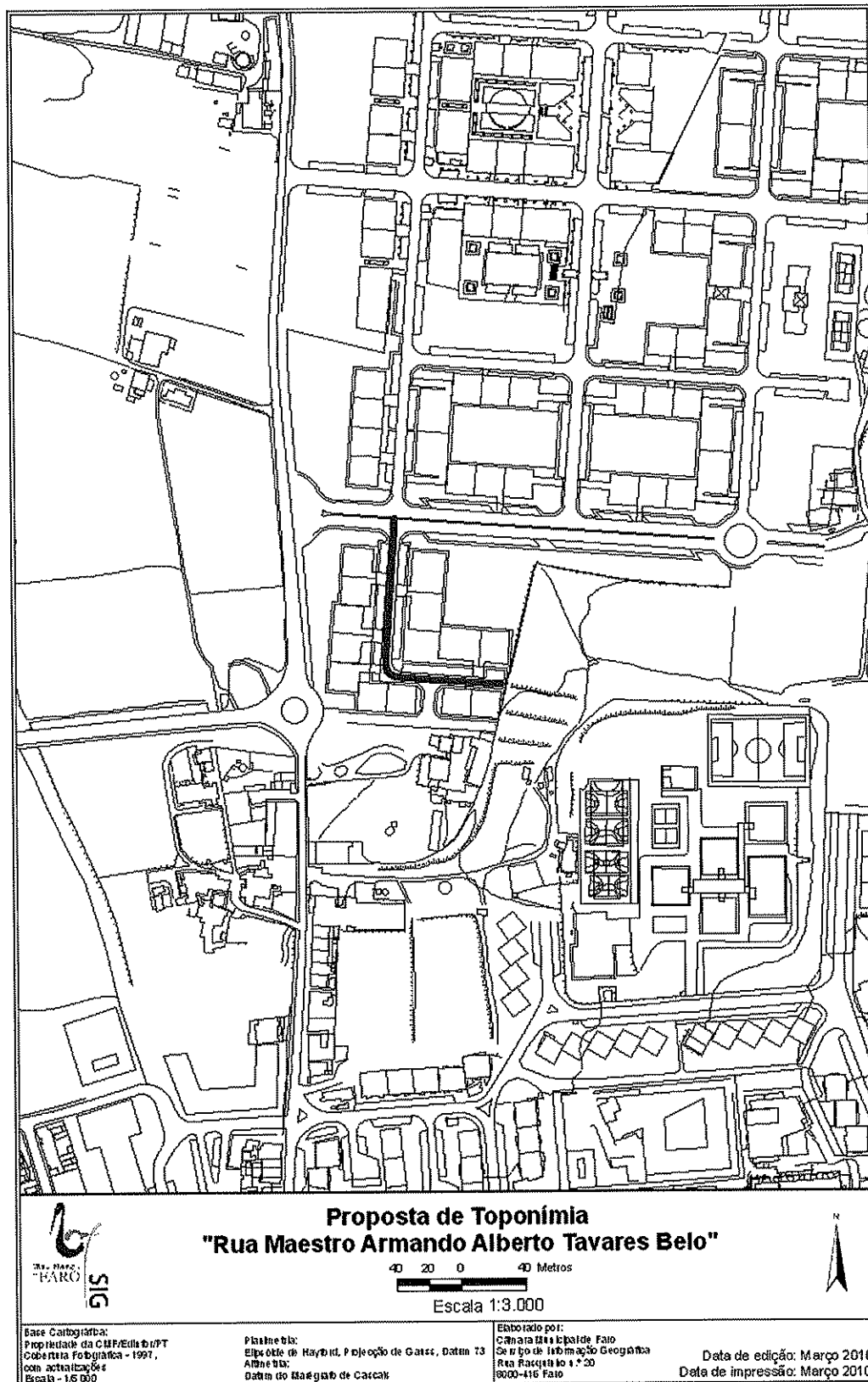
Realizou dezenas de arranjos musicais para as orquestras Portugal e Toseli. Trabalhou sobre temas populares e fez dezenas de orquestrações e arranjos. Escreveu música para quinze histórias infantis, sobre letra da escritora Odette de Saint Maurice.

O grande maestro, autodidacta em composição e direcção de orquestra, compões ainda dois concertos para piano e orquestra, que foram transmitidos na rádio, mas que são pouco conhecidos do grande público.

Quase no fim da sua vida, o Maestro Tavares Belo foi homenageado pela população da Parede, concelho de Cascais, onde viveu durante muitos anos e onde era muito estimado e considerado.

Em 1995, a sobrinha, Maria Armanda Tavares Belo, publica, em homenagem a seu tio, o livro *Maestro Tavares Belo - Dádiva Total à Música*.

Cidade capital da República de Cabo Verde, colonizada pelos Portugueses nos princípios do séc. XVI, possuindo um valioso património arquitectónico dessa época, do qual sobressai a Sé Velha. Esta cidade está geminada com Faro desde os últimos anos do séc. XX.



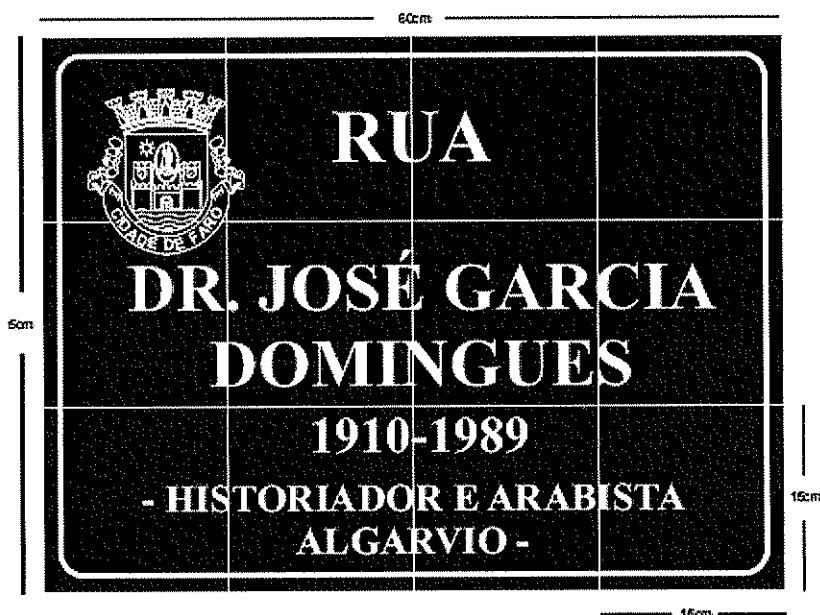


Rua Cidade da Praia

Nota Biográfica:

Cidade capital da República de Cabo Verde, colonizada pelos Portugueses nos princípios do séc. XVI, possuindo um valioso património arquitectónico dessa época, do qual sobressai a Sé Velha. Esta cidade está geminada com Faro desde os últimos anos do séc. XX.





Rua Dr. José Domingos Garcia Domingues

Nota Biográfica: Historiador e arabista.

Nasceu em Silves, a 18 de Maio de 1910.

Faleceu em Lisboa, a 1 de Maio de 1989.

Em 1932 licenciou-se em Ciências Histórico – Filosóficas na Faculdade de Letras de Lisboa, tendo simultaneamente frequentado cadeiras de Sânscrito e Árabe. Colaborou em vários jornais, nomeadamente no semanário *O Nacional Sindicalista* e no *Correio do Sul*.

Foi nomeado Inspector - Orientador, fazendo parte do Conselho Superior de Instrução e colocado na Faculdade de Letras de Lisboa, como responsável pela coordenação dos trabalhos do Gabinete de Psicologia Experimental com o Instituto de Orientação Profissional. Destas funções seria demitido em 1940, por decisão do Conselho de Ministros, por motivos políticos, e só 30 anos mais tarde viria a ser reintegrado na função pública, como Inspector Orientador do Ensino Primário. Durante essas três longas décadas a sua actividade não cessa. Dá aulas particulares e faz o Curso de Árabe Elementar, no Instituto de Estudos Africanos e Orientais da Escola Superior Colonial.

Como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, entrega-se à Investigação de História Luso - Árabe. Participa em numerosos Congressos sobre arabismo, em Portugal e no estrangeiro, em colaboração com o Centro de Estudos Filológicos. Funda o Grupo Portugal - Marrocos, para

cuja presidência foi designado. Publica grande quantidade de trabalhos de elevado valor científico, contribuindo para um maior conhecimento da presença árabe em Portugal, nomeadamente no Algarve.

Por convite, dá aulas na Faculdade de Letras sobre a língua árabe. Em 1964, a Fundação Calouste Gulbenkian atribui-lhe uma bolsa de estudo, por um período de dois anos, para prosseguir os estudos de árabe em Espanha.

A estada do Professor Domingues prolongar-se-á por mais três anos. Um a expensas suas e dois como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, obtendo o Grau de Licenciado em História. Frequenta, ainda em Espanha (Madrid), o Curso de Arquitectura Militar Hispano – Árabe e o Curso de Epigrafia.

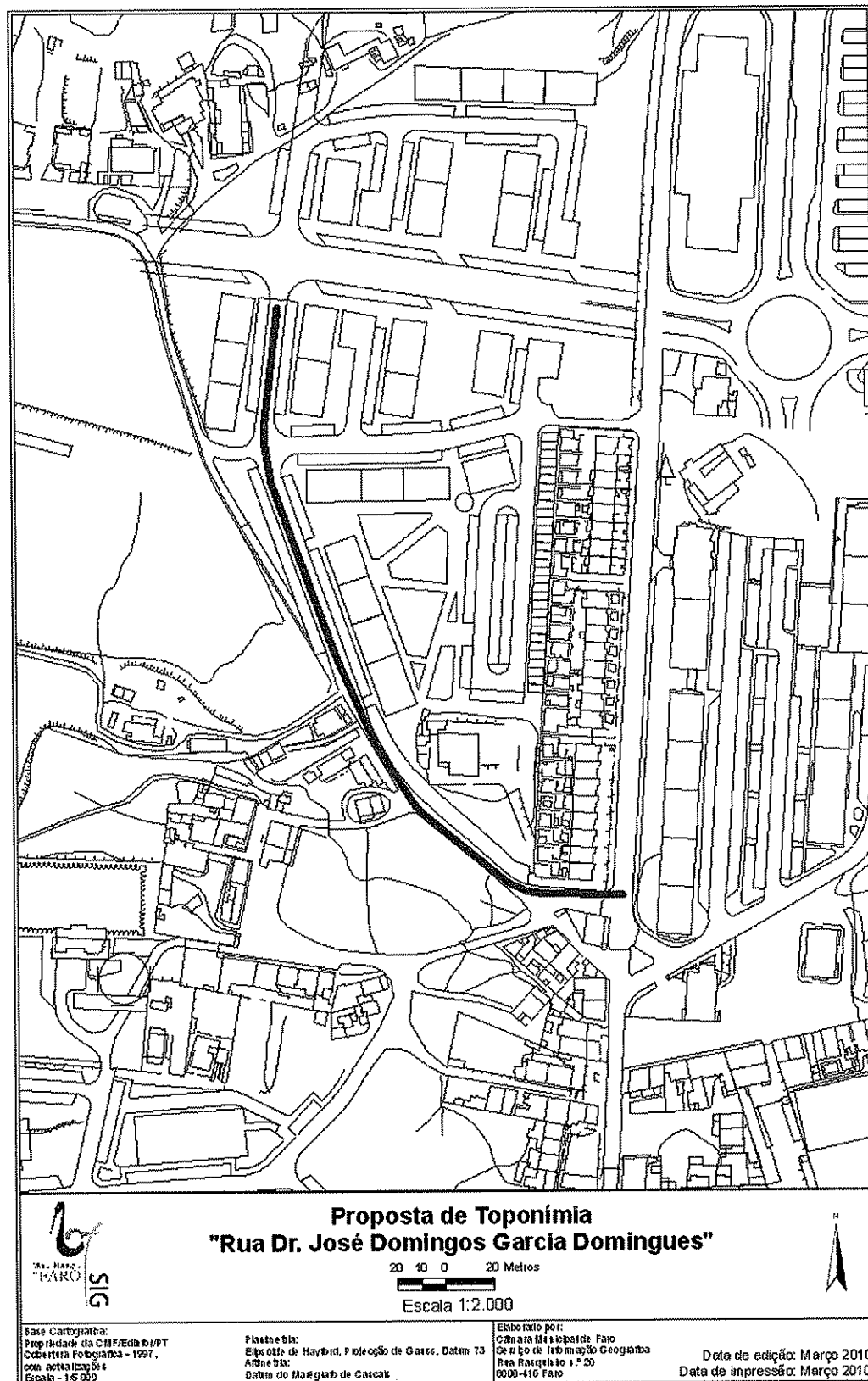
Faz os estudos preparatórios para o Doutoramento em História, seguindo, entre outros, os Cursos Monográficos de Arte Medieval Árabe e Cristã e Metodologia da Investigação Científica em História.

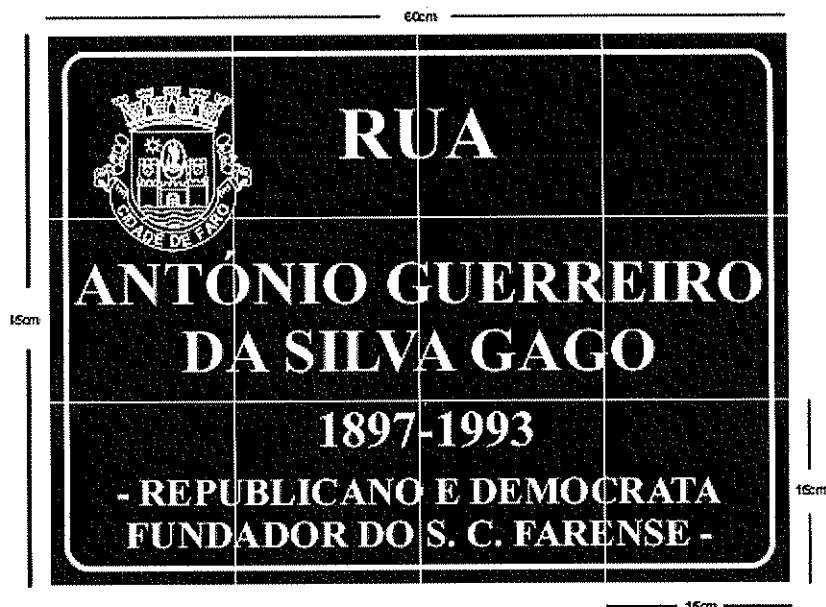
Regressa a Portugal e faz na Faculdade de Letras de Lisboa as cadeiras de Pedagogia, Didáctica, História da Educação e Higiene Escolar.

Em 1975 – portanto, após o 25 de Abril, que vê chegar com alegria – volta a Madrid como bolseiro da Secretaria de Estado da Cultura, para preparar a tese do seu doutoramento sobre o tema: “O pensamento teológico, místico e filosófico de Almas Ibn Qâsi de Silves”. Igualmente para a tese e posteriores trabalhos, viaja para a Grécia, Turquia e Egipto, onde recolhe precioso acervo.

Dirigiu o Centro de Estudos Árabes da Universidade do Algarve, que promoveu vários cursos. O doutor Garcia Domingues deixou-nos uma valiosa bibliografia, não só pelo volume (58 títulos publicados) como pela profundidade e diversidade dos temas abordados, ainda que a maior parte seja sobre cultura árabe (40 títulos), seguindo-se História, Cultura Geral e Pedagogia.

Deixou ainda os inéditos *Tavira na Época Árabe*, “Poemas Arábicos – Algarvios e Presença Árabe no Algarve” (Conferência proferida em Silves no acto do encerramento do XI Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos).





Rua António Guerreiro da Silva Gago

Nota Biográfica: Desportista, democrata e comerciante.

Nasceu em Faro, a 27 de Setembro 1897.

Faleceu em Lisboa, a 11 de Dezembro de 1993.

Muito jovem, foi um dos fundadores do Sporting Clube Farense. Ao clube dedicou grande parte da vida, não só como dirigente mas como jogador de futebol, modalidade que praticou até aos trinta anos de idade, fazendo questão de comprar o seu próprio equipamento, e, mais tarde, o do filho, que foi guarda-redes. Fazia-o, não por exibicionismo, mas para não sobrecarregar o clube, que, desde a fundação, exibia as camisolas bipartidas, com um lado preto e outro branco. Diz-se que esse facto se deve ao seguinte: os fundadores do Farense eram muito jovens, o Gago tinha apenas 13 anos. Grandes entusiastas dos “Leões” queriam, por isso, mandar fazer equipamento igual ao do clube que representavam. Terão mandado pedir a Lisboa uma fotografia para que tudo ficasse semelhante. Estávamos ainda muito longe das fotografias a cores, portanto veio uma a preto e branco!...

Comerciante, durante muitos anos estabelecido na Rua de Santo António, era considerado pela sua honestidade e afabilidade.

Na vida sociopolítica, dizia-se republicano e democrata. Pertenceu ao Movimento de Unidade Democrática (MUD) e participou activamente em várias campanhas eleitorais, apoiando os candidatos da oposição.

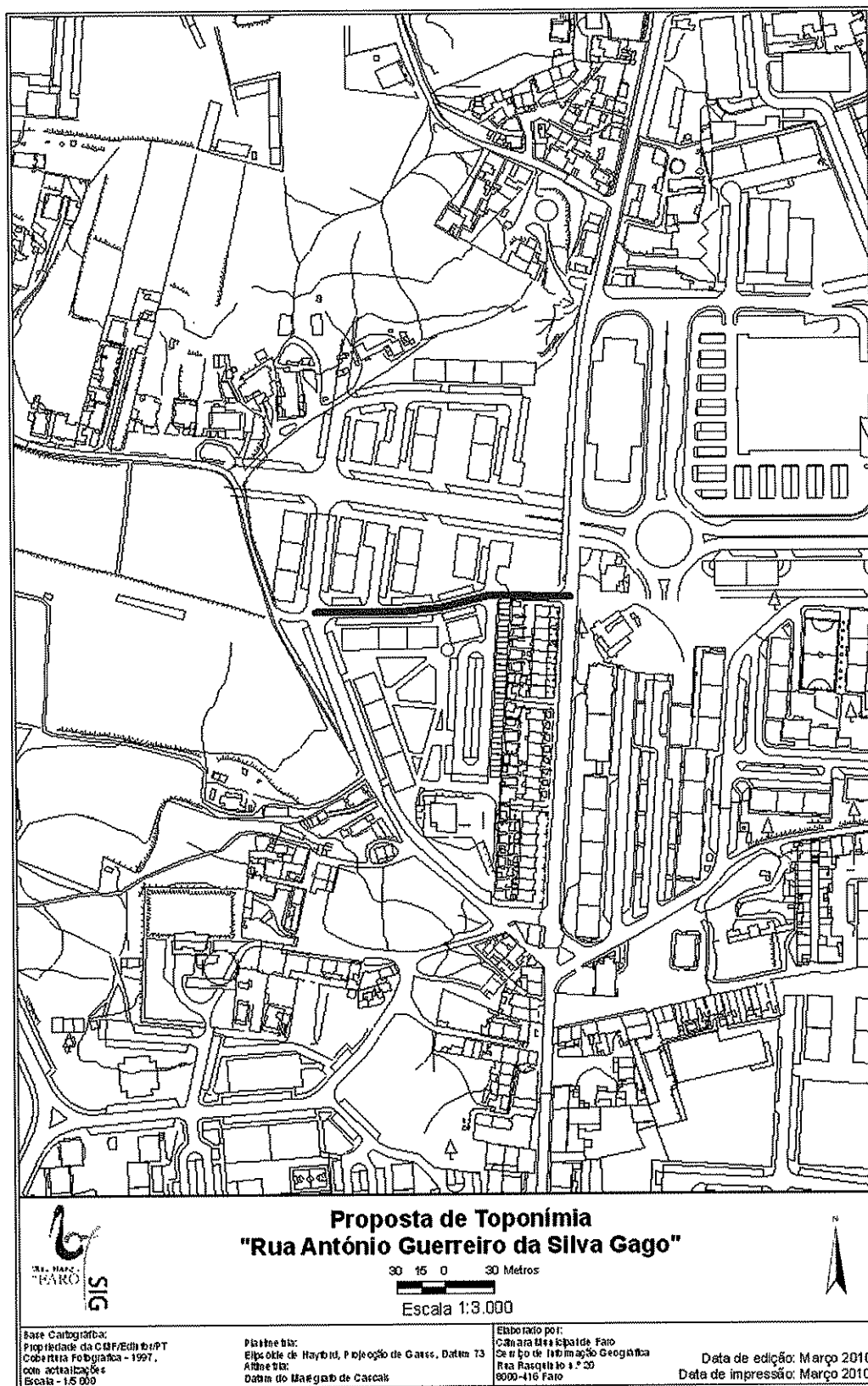
Quando o general Humberto Delgado foi a Faro, saiu da mercearia ao encontro do candidato, abraçou-o e disse alto e bom som: "Força, meu General, alma até Almeida". Humberto Delgado, que sabia vir a ser seguido pela polícia, vira-se para trás e exclama: "Ele não tem medo da PIDE".

Muitos democratas, para não serem assinalados, liam o jornal República em casa, mas António Gago trazia o seu jornal debaixo do braço com o cabeçalho bem à vista. Era um homem corajoso e coerente. Quando o periódico lançou uma campanha para angariação de fundos para comprar a rotativa, logo alinhou, solidário.

Foi Presidente do Grémio dos Comerciantes, durante vários anos, até que, numa das tomadas de posse, lhe impuseram que assinasse a declaração de repúdio das ideias subversivas. Considerando que tal era uma prepotência, recusou-se a assinar. Nunca mais foi presidente!

Foi o último sobrevivente do grupo que, em 1 de Abril de 1910, fundou o Sporting Clube Farense, que muitos e bons serviços tem prestado ao desporto algarvio. Era detentor da Medalha de Mérito Desportivo, conferida pelo Ministério da Educação, e da Medalha de Mérito de Ouro da Cidade de Faro, atribuída pela Câmara Municipal.

Faleceu em Lisboa, pouco antes de completar 96 anos, lúcido, amante do seu Farense, do qual era o sócio nº1, republicano e democrata como sempre se afirmou. Os seus restos mortais repousam no Cemitério da Esperança, da cidade onde nasceu e viveu e à qual deu muito de si.





Praceta Maria Alexandrina Chaves Berger

Nota Biográfica: Pintora, professora.

Nasceu em Faro, a 3 de Janeiro de 1892.

Faleceu em Carcavelos, a 27 de Fevereiro de 1979.

Iniciou os estudos secundários na Escola Industrial Pedro Nunes, de Faro, por manifestar grande habilidade para o desenho. Parecendo, às tias que a criaram, ser de mais futuro o curso de professora do ensino primário, conseguiram-lhe uma autorização especial para entrar na Escola do Magistério com apenas 13 anos.

Aos 16 anos terminava o curso com 19 valores. Já sabendo perfeitamente o que queria, voltou para a Escola Industrial, onde era então director o Mestre paisagista Ezequiel Pereira, que, reconhecendo o seu talento, começa a dar-lhe aulas particulares de pintura.

Vai para Lisboa, onde recebe lições do Mestre Conceição Silva e frequenta aulas nocturnas da Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), para se habilitar ao exame de admissão ao Curso Especial de Pintura. Terminou o curso em 1922, com quinze valores. Foi a primeira pintora algarvia diplomada por uma escola superior de Belas Artes.

Matriculou-se no Curso da Escola Normal para o Ensino de Desenho das Escolas Técnicas.

Em 1924 concorreu a uma vaga de Instituto de Odivelas, destinado a filhas de militares, ficando classificada em 1º lugar. Quatro anos depois foi transferida para a Escola Industrial Machado de Castro, preenchendo a vaga do aquarelista Roque Gameiro.

Na Escola Machado de Castro, além de leccionar, foi directora de oficinas, bibliotecária e professora metodóloga de Desenho Geral; fez parte de júris de vários concursos. Passou para a então recém – criada Escola Industrial Feminina Josefa de Óbidos, de onde se aposentou, por motivos de saúde, em 1952.

A partir daí passou a dedicar-se ao piano e continuou a pintar, arte que praticava desde a juventude. A exposição onde Maria Alexandrina se estreou teve lugar nas salas do Museu Marítimo de Faro e foi notícia nos jornais *O Algarve*, *Heraldo* e outros que vaticinaram um futuro promissor à jovem pintora.

Em 1919 e 1922 expõe na SNBA, e a imprensa não fica indiferente à pintura de Maria Alexandrina, como provam notícias de *A Manhã*, *O Século* e *Diário de Lisboa*. A primeira exposição individual da pintora teve lugar no Liceu João de Deus, em Faro, elogiada, como fora nas colectivas.

No ano seguinte recebeu a menção honrosa da Sociedade Nacional de Belas Artes, instituição que lhe confere, em 1934, a medalha de pintura a óleo. No Porto, expõe no Salão Silva Porto e no Ateneu Comercial.

Participa na Exposição Feminina de Artes Plásticas (1942) e recebe a 3ª medalha da SNBA e a 2ª medalha do Salão Estoril pela sua participação na exposição “O Algarve e os Algarvios”, no Salão da Primavera (1946). Teve os 1º e 2º prémios da Junta de Província da Beira Alta.

No mesmo ano participa numa exposição colectiva, organizada pelo Dr. José Formosinho, no museu de Lagos. Participa, ao lado de Virgínia de Passos, Falcão Trigo e outros conhecidos artistas. As suas telas “Naturezas Campesinas” e “Apontamentos Algarvios” merecem elogios da imprensa e dos visitantes.

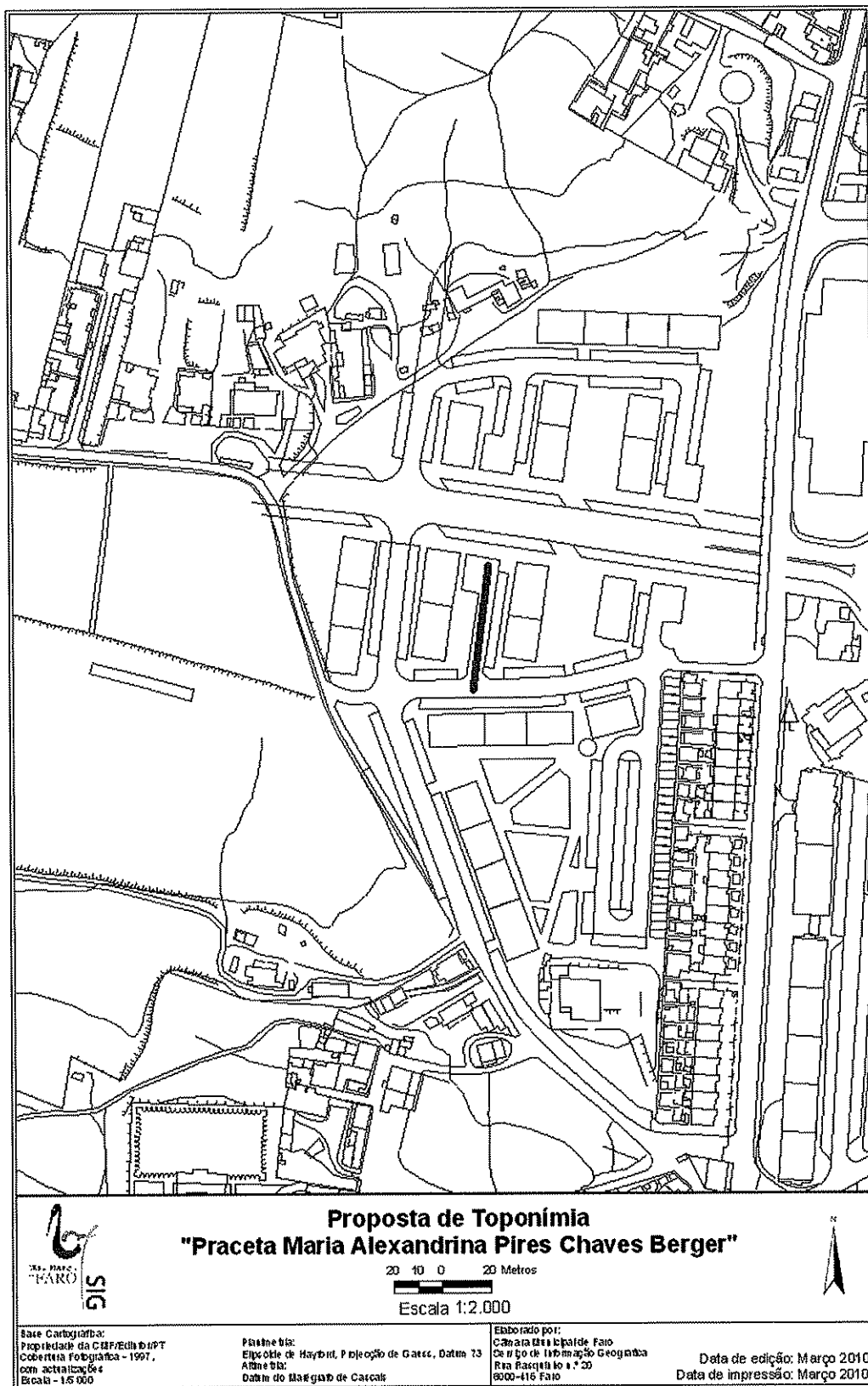
Em 1956 recebe diploma da Casa do Algarve pela exposição “Paisagem Portuguesa e da Galiza” realizada no SNI. Em 1968 é premiada no Brasil e recebe diploma da Academia Brasileira.

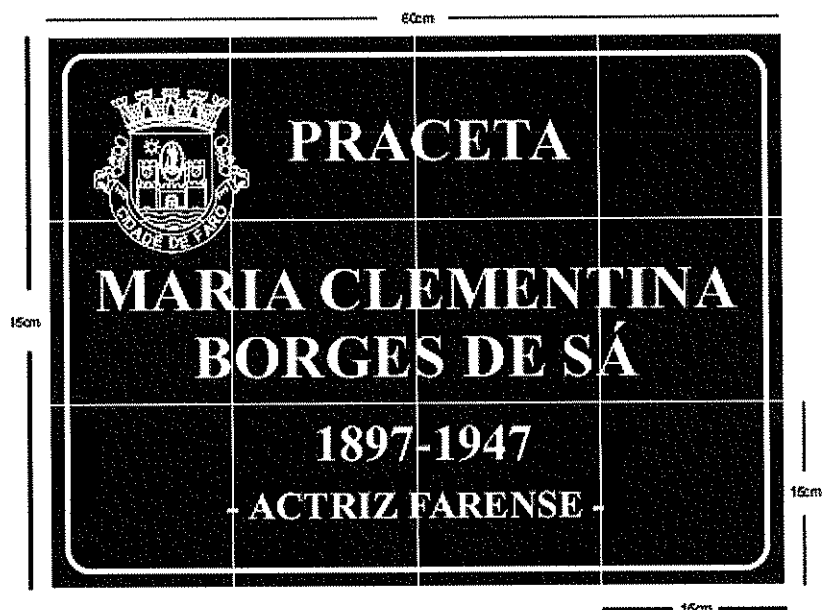


Departamento de Urbanismo
Divisão de Gestão Urbanística

Maria Alexandrina pintou ao longo da sua vida de artista mais de 500 quadros, sempre realizados a partir de observação directa, sendo sua predilecção pintar ao ar livre. Encontra-se representada em muitos museus nacionais.







Praceta Maria Clementina Borges de Sá

Nota Biográfica: Actriz. Nasceu em Faro, a 28 de Janeiro de 1897.

Faleceu em Lisboa, a 22 de Dezembro de 1947.

Aluna da Escola da Arte de Representar, recebeu lições de canto da professora Eugénia Mantelli.

Estreou-se, com louvores da crítica, em 1919, no teatro da Trindade, na opereta *A Bela Risota*, actuando ao lado da grande Ângela Pinto. Na temporada seguinte trabalhou no Chiado Terrasse, depois no teatro Politeama, na Companhia Amélia Rey Colaço- Robles Monteiro. Foi intérprete em *O Mercador de Veneza*, *Em Guarda*, *Fogueira de São João*, *Cristalina* e fez a "Mariana" no *Amor de Perdição*.

No teatro D. Maria sobressai nas peças *O Ciclone*. Foi "Solina" do *Filodermo* e "Brízida Vaz" da *Barca do Inferno*.

Interpretou, com muito sucesso, peças de autores portugueses seus contemporâneos como Alfredo Cortez e Ramada Curto, dando vida a figuras populares de muito agrado do público.

Terminou a sua carreira teatral na peça *As Sabichonas*, de Molière.

Ainda no tempo do cinema mudo, em 1922, fez o papel de “Fernanda Souzel” no filme *Destino*, do realizador George Pallu, com argumento de Ernesto de Menezes e a “baroneza”, no filme *Tinoco em Bolandas*, comédia-farsa em seis partes, realizada pelo tavirense António Pinheiro e adaptada duma peça cômica do actor José Carlos dos Santos, com o título *Uma Chávena de Chá*.

Em 1924, a empresa cinematográfica portuense Invicta Filme, reconhecendo o valor para o cinema da atriz Maria Clementina, atribui-lhe um cachet de dois mil escudos, muito acima da média, pela sua participação no filme *A Tormenta*, realizado por George Pallu, a partir de argumento de Paulo Osório, adido da imprensa junto da Embaixada Portuguesa em Paris e correspondente do Diário de Notícias.

No cinema sonoro, entra no filme “*Três Dias sem Deus*”, realizado por uma mulher, Maria de Lurdes Dias Costa, também atriz, com o nome artístico de “Bárbara Virgínia”.

De Março a Maio de 1999, no Centro Cultural de Lagos, a Câmara Municipal teve patente ao público a exposição “Mulheres Algarvias do Teatro e do Cinema”, em que estiveram expostas fotografias individuais e de cena, de Maria Clementina, cedidas pelo Museu do Teatro e pela Cinemateca Portuguesa.





Praceta António Cintra

Nota Biográfica: Chefe dos Bombeiros Municipais de Faro.

Nasceu em Faro, em 1921.

Faleceu na mesma Cidade, em 1988.

O corpo de Bombeiros da cidade, possui um Barco-Ambulância o “Chefe Cintra” em sua homenagem.





Rua António Santos "Tossan"

Nota Biográfica:

Tóssan foi um homem multifacetado que dedicou a sua vida à arte, como pintor, ilustrador, cenógrafo, vitralista, humorista, decorador e gráfico, mas o que o destacou foi o seu enorme talento e a sua maneira de ser divertida, acutilante e de contador de histórias.

Apesar de não gostar do epíteto de artista expõe diversas vezes nas Exposições gerais de Artes Plásticas na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Como ilustrador inicia o seu percurso realizando a capa do livro O teatro dos estudantes de Coimbra no Brasil. Na arte da ilustração realiza mais de meia centena de capas de livros, de onde destacamos as capas para os livros de Curvo Semedo O velho, o rapaz e o burro (1978) e de Leonel Neves O Elefante e a Pulga (1976). Esteve ligado vários anos à Editora Terra Livre como responsável gráfico. Foi orientador gráfico da revista Brazil a convite do governo brasileiro.

Edita dois livros de desenhos: Cão Pêndio e Fidelidade 1835. Realiza os retratos de várias personalidades António Aleixo, Camilo Castelo Branco, Manuel Teixeira Gomes, Teixeira de Pascoaes, José Régio e Lins do Rego.

Excertos biográficos

1918- Nasce em Vila Real de Santo António, António Fernando Santos.

1934- Inicia o seu trabalho de coreógrafo no Teatro Lethes em Faro.

Finais da década de 30- É internado no sanatório de Coimbra onde conhece António Aleixo.

1947 a 1966- Inicia o seu percurso no TEUC (Teatro dos estudantes da Universidade de Coimbra) como coreógrafo e acompanha a companhia em diversos países : Angola, Moçambique, Brasil, Espanha, Alemanha, Suíça, Itália e Inglaterra.

1949- Realiza o cartaz comemorativo dos 700 anos da Reconquista cristã da cidade de Faro.

1952- Realiza a capa do livro: *O teatro dos estudantes de Coimbra no Brasil*.

1961 a 1964- Orienta os trabalhos gráficos e culturais da Embaixada do Brasil em Lisboa.

1963- Funda com Augusto da Costa Dias e Mário Castrim o Diário de Notícias Juvenil.

1969- Participa no programa Zip-Zip de Raul Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz.

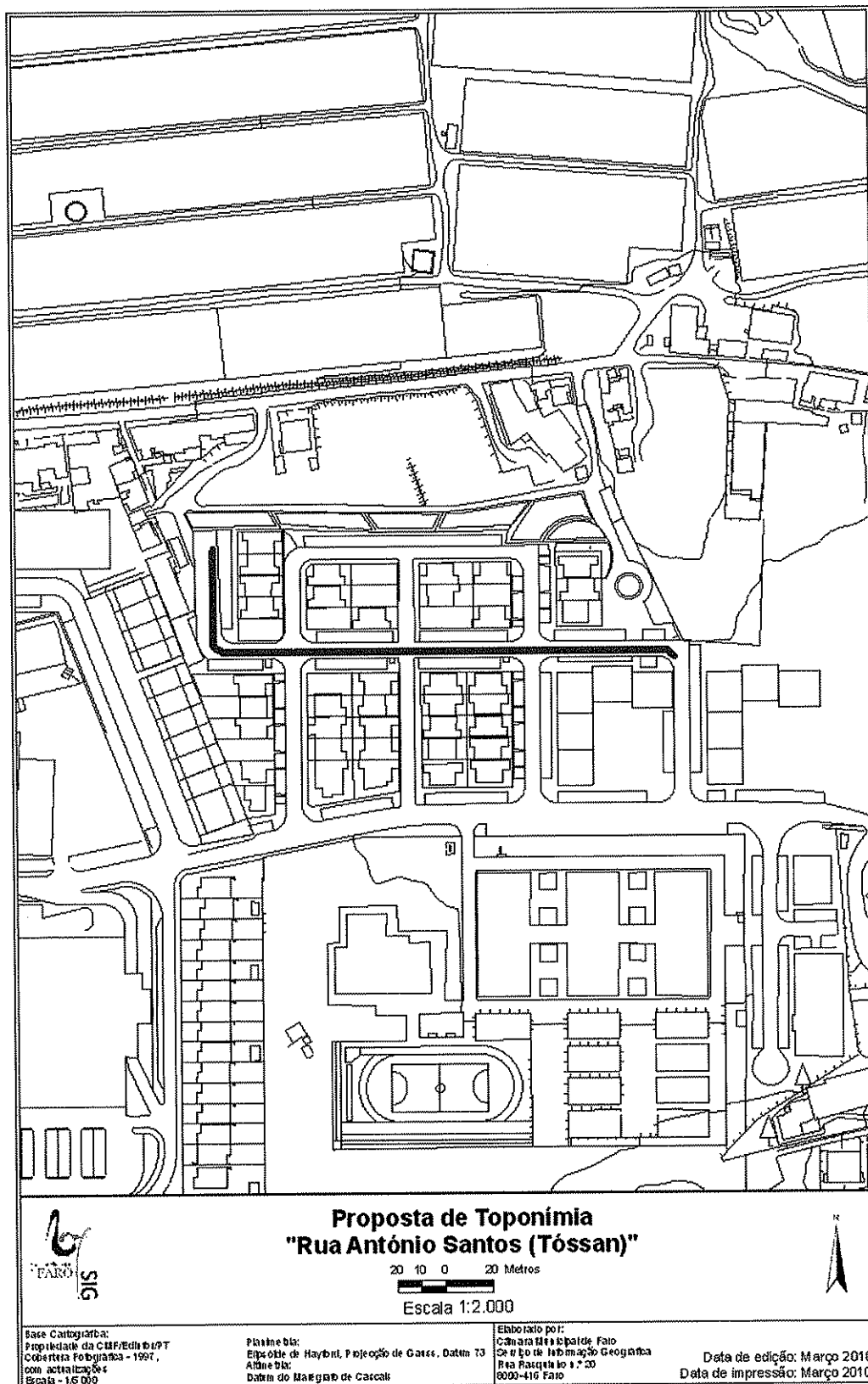
1973-Monta as exposições de Arte Sacra e Arte Popular Brasileiras no Palácio do Itamaré em Brasília.

Após 1975-Inicia a sua carreira de funcionário público na Direcção-Geral de Divulgação onde foi coordenador do sector de publicações.

Anos 80- Desenha o símbolo da Universidade do Algarve.

1990- Participa num CD intitulado Poemas de bibe: grande poesia portuguesa escolhida para os mais pequenos, ao lado de mais de duas centenas de poetas entre eles, Bocage, Camões, Antero de Quental, Miguel Torga, Camilo Pessanha, Alexandre O'Neill, Ruy Belo, Sophia Mello Breyner Andersen, entre outros.

Morre em Lisboa em Agosto de 1991.

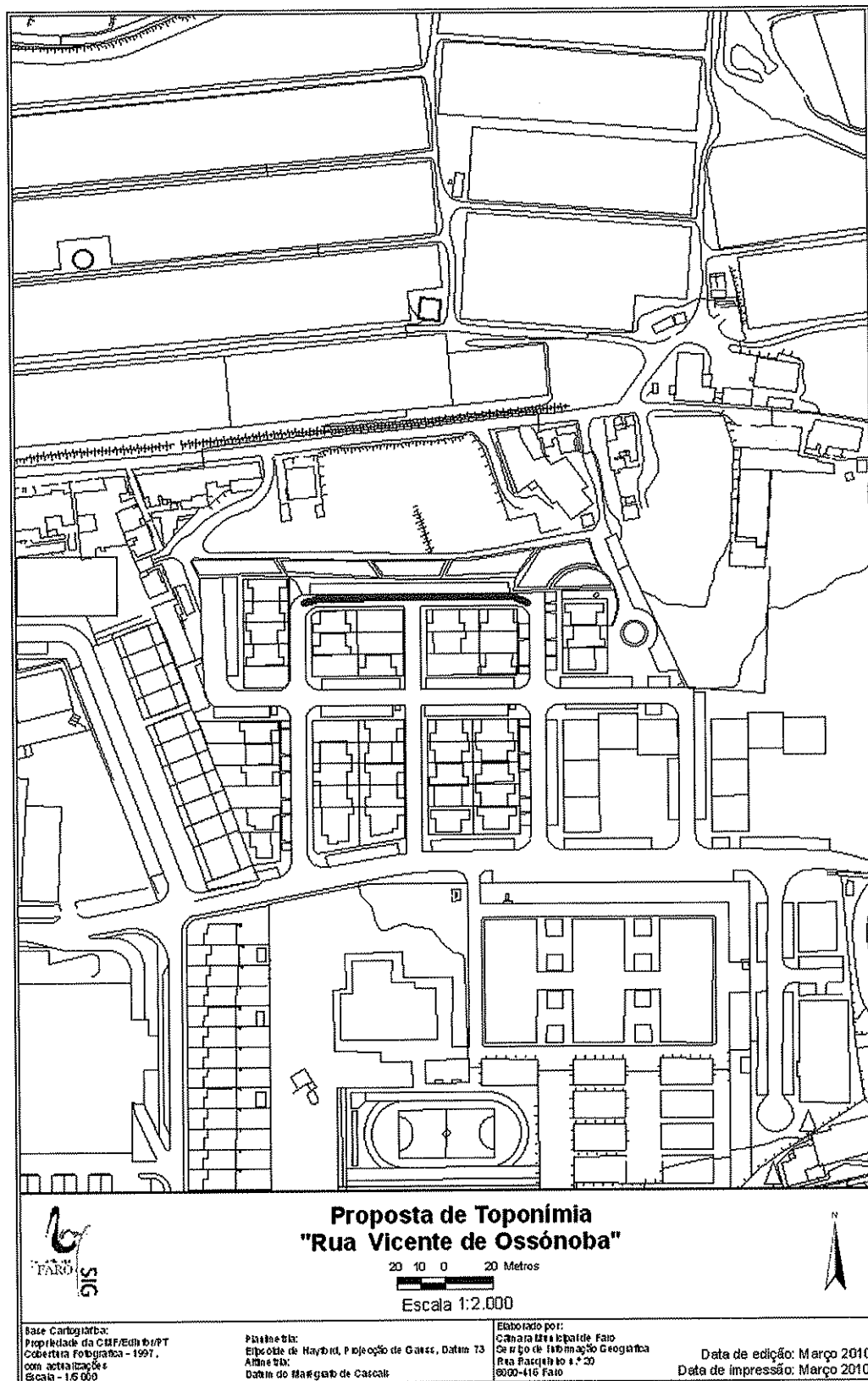




Rua Vicente de Ossónoba

Nota Biográfica:

A primeira sede da diocese algarvia foi na cidade romana de Ossónoba, que se presume não ser muito longe da actual Faro. Em 304, o bispo Vicente, primeiro prelado de que há registo histórico, assistiu ao Concílio de Elvira, primeira reunião magna do clero peninsular. O bispado manteve-se aí ao longo da dominação visigótica e mesmo muçulmana, continuando a existir um bispo moçárabe na região, tendo no entanto o termo Ossónoba cedido gradualmente lugar a *Santa Maria al-Harun*, isto é, Santa Maria de Faro.





Rua Alves Redol

Nota Biográfica:

Escritor português, natural de Vila Franca de Xira. Os seus primeiros textos, surgidos na imprensa de Vila Franca de Xira, datam dos finais da década de 20. Em 1923 fez exame de admissão ao liceu Passos Manuel, que não chegou a frequentar, inscrevendo-se no colégio Arriaga, onde, em 1927, concluiu o Curso Comercial. Em 1928 embarcou no navio Niassa, a caminho de Luanda, onde foi procurar emprego. Aí, deu lições numa escola nocturna, foi contratado para prestar serviço na Repartição da Fazenda de Luanda e, finalmente, empregou-se na delegação da firma Bernardino Correia & C^a, na secção de automóveis. Em 1931, viu-se obrigado a regressar a Portugal, por motivo de doença.

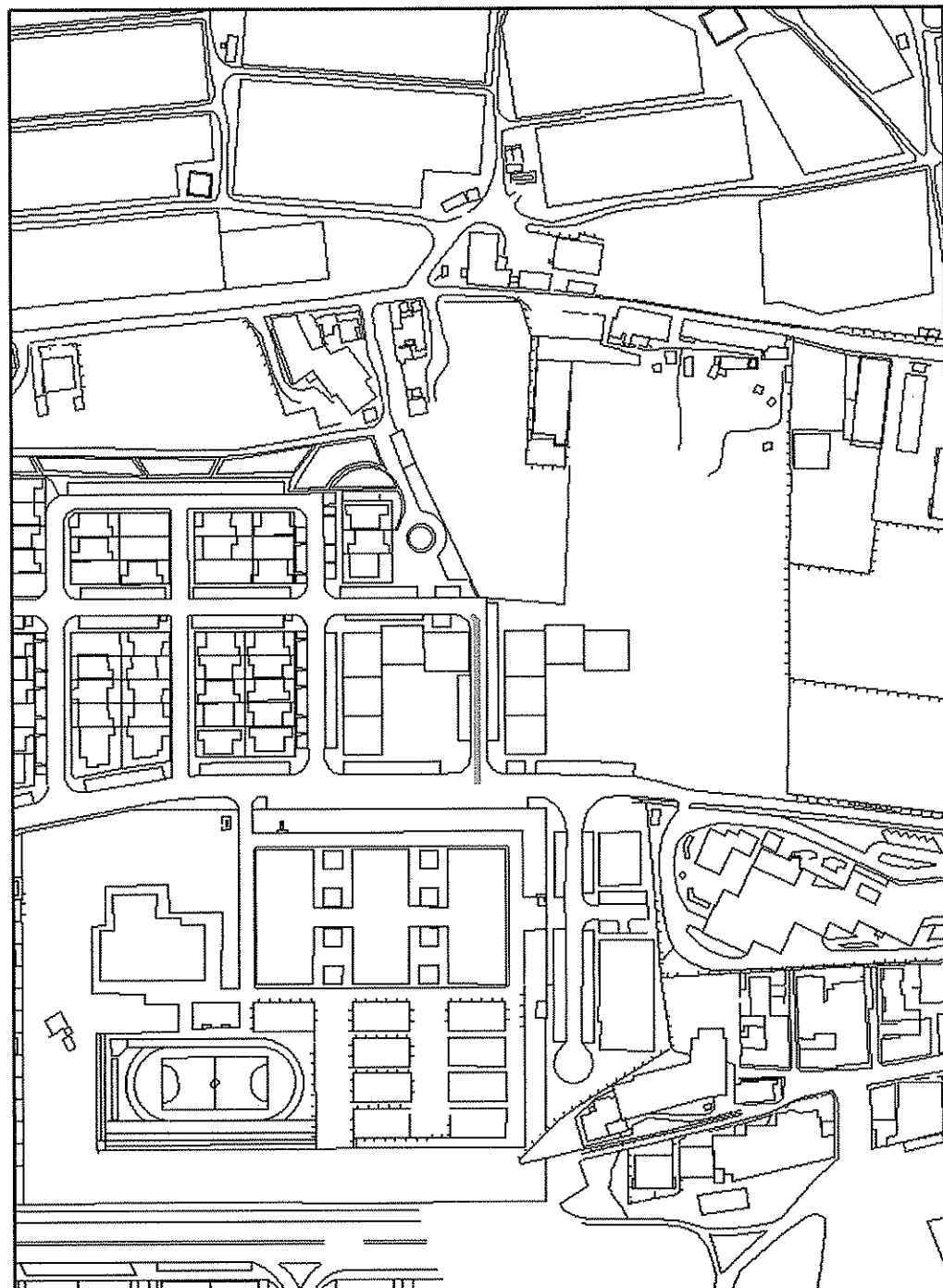
Já em Portugal, ligou-se, desde muito cedo, aos meios de oposição ao salazarismo, proferindo conferências, colaborando em jornais e militando no Partido Comunista Português, o que lhe valeu a perseguição da polícia política e condicionou a sua produção literária. Em 1936, casou com Maria dos Santos Mota. Três anos mais tarde, publicava o romance *Gaibéus*, obra que pode ser considerada fundadora do neo-realismo português, pela renovação dos processos literários, nomeadamente pela centralização da acção na personagem colectiva dos ceifeiros.

Em 1943, foi posta à venda a primeira edição de *Fanga*. A sua primeira obra de teatro, *Maria Emília*, foi representada em 1946.

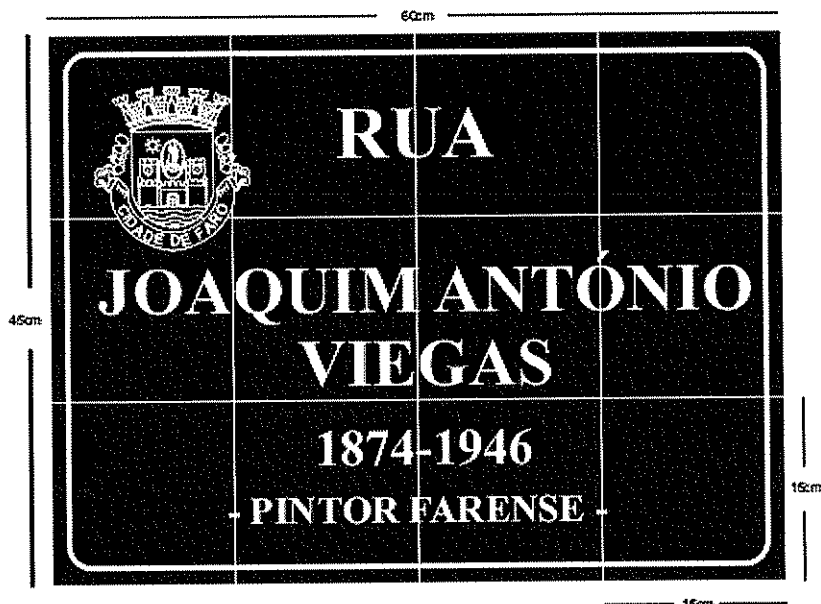
Em 1945, na reunião promovida pela comissão central do Movimento de Unidade Democrática, foi aprovada uma moção de alargamento da Comissão Central, de que Alves Redol passou a fazer parte. Eleito secretário-geral da Secção Portuguesa do Pen Clube, em 1947, estabeleceu-se com um escritório ligado a actividades editoriais na Rua dos Douradores. Em 1948 fez parte da delegação portuguesa presente no Congresso dos Intelectuais Para a Paz, realizado em Wroclaw, usando da palavra em nome daquela delegação. No mesmo ano, fundou, em Vila Franca de Xira, a sociedade Redol & C^a Lda., que negociava em betão pré-fabricado. Recebeu o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências, em 1950, com a obra *Horizonte Cerrado*.

Em 1960, houve uma tentativa de representação de *Forja*, mas os ensaios acabaram por ser proibidos. A peça, apresentada em 1965 no Festival de Teatro de Manica e Sofala, em Moçambique, pelo Teatro de Ensaio do Clube Recreativo do Buzi, só em 1969 seria levada à cena no nosso país. Em 1961 começou a trabalhar em publicidade, na agência Êxito. Em 1964, por iniciativa da secção cultural da União Desportiva Vilafranquense, comemorou-se o 25º aniversário da publicação de *Gaibéus*.

Foi um dos iniciadores do movimento neo-realista em Portugal e o primeiro a conseguir ampla aceitação. A sua obra, que alterna momentos de grande intensidade lírica com quadros de descrição precisa e minuciosa, evoluiu de uma análise social fortemente documental para uma fase mais pessoal e afastada dos preceitos da escola, a partir dos finais dos anos 50. Tomou como motivos centrais os dramas humanos vividos na sociedade ribatejana e, com o *Ciclo Port Wine* (1949-53), também na região duriense. Autor de uma vasta obra, para além dos textos das suas conferências e artigos para os jornais, escreveu romances, contos, peças de teatro e estudos de etnografia, de que se destacam os romances *Gaibéus* (1939), *Marés* (1941), *Avieiros* (1942), *Fanga* (1943), *Anúncio* (1945), *Porto Manso* (1946), o *Ciclo Port Wine* (constituído pelas obras *Horizonte Cerrado*, 1949; *Os Homens e as Sombras*, 1951; e *Vindima de Sangue*, 1953), *Olhos de Água* (1954), *A Barca dos Sete Lemes* (1958), *Uma Fenda na Muralha* (1959), *O Cavalo Espantado* (1960), *Barranco de Cegos* (1962, considerado a sua obra-prima), *Afluentes* (1963), *O Muro Branco* (1966) e, com publicação póstuma, a peça de teatro *Os Reineiros* (1974). As suas peças dramáticas foram reunidas em *Teatro I* (1966), *Teatro II* (1967) e *Teatro III* (1972).



	Proposta de Toponímia - "Rua Alves Redol"	
	 Escala 1:2.000	
Base Cartográfica: Propriedade da CMF/Editor/PT Cobertura Fotográfica - 1997, com actualizações Escala - 1:5.000	Plataforma: Elaboração de Mapas, Protecção de Geógrafos, Datum 13 Altimetria: Datum do Mar Negro de Cascais	Elaborado por: Câmara Municipal de Faro Serviço de Informação Geográfica Rua Rasqueiro s.º 21 8000-416 Faro Data de edição: Março 2010 Data de impressão: Março 2010



Rua Joaquim António viegas

Nota Biográfica:

Em Faro, capital de Província do Algarve, nasce a 25 de Setembro de 1874, Joaquim António Viegas, pintor de Arte e Cenógrafo. Seus pais, José António Soares Viegas e D. Maria da Conceição Viegas, pertenciam à classe trabalhadora, de poucos recursos económicos.

Quando o seu irmão mais velho manifestou a intenção de estudar para ingressar na marinha, o pai decide transferir-se para Lisboa, levando consigo o jovem Joaquim António.

É assim que, apenas com 12 anos de idade começa a trabalhar numa oficina de pintura, na Rua Ivens, onde vem a conhecer o pintor decorador Domingos Costa. As qualidades artísticas cedo se revelaram e em 1886 matricula-se no curso nocturno para operários, na Escola Superior de Belas Artes. Quatro anos mais tarde, em 1890 e, portanto, com a idade de 16 anos, inicia a sua aprendizagem com o conceituado cenógrafo Eduardo Machado, na decoração do Coliseu dos Recreios, permanecendo a seu lado por 17 anos, ou seja, até à data da morte do mestre que tanto venerava.

Em 1900 obtém o diploma em Pintura Histórica pela Academia de Belas Artes.

Abre um atelier de pintura à entrada da Praça da Alegria, (onde até há alguns anos se encontrou instalada uma loja de acessórios de automóveis). Na memória de seu filho, Armando Rocha

Viegas, ficou registada a imagem deste cenário laboral: "ali me lembro de o ver com o seu guarda -pó cinzento, sentado em frente do cavalete, pintando letras, nas quais punha com cuidado, as letras de oiro à largura do desenho que forma a letra... O atelier estava decorado com os desenhos a carvão emoldurados com estreitas baguetes de friso prateado ou dourado para os desenhos de perspectiva e de aguarela, e com os modelos a óleo e de nus, estudos e academias executados enquanto aluno da Escola de Belas Artes".

A sua carreira de cenógrafo independente inicia-se em 1907 (30 de Setembro) no teatro da Rua do Condes. Era então seu empresário Ernesto Freitas, com a revista "No descanso", de Artur Arriegas, peça em três actos e dez quadros.

Joaquim António Viegas irá desenvolver um trabalho cenográfico importante nos principais teatros de Lisboa do início do século - Rato, Rua do Condes, Príncipe Real, D. Amélia, trindade, Avenida, Coliseu, Sá da Bandeira... O Teatro nacional constituiu, porém, uma excepção e é com sarcasmo caricatural que tece algumas considerações aos artistas que aí pintam: "no Nacional a minha competência é nula, ali todo caguinhas que se presa é que pinta! A questão é ser bom rapaz! Pobre D. Maria I... por ali passaram Machado e Manini! Posser! Sem falar d'outros vultos, honra do tempo antigo!..."

É vasta a sua obra cenográfica. De entre as principais peças, para as quais pinta cenários e que lhe granjearam destaque contam-se: "Questão dos Venenos" (5º quadro); "Santa Inquisição" (5º Acto), "D. Francisco Manuel de Melo" (2º Acto), "Helda" (3º Acto), "Sybill" (3º acto), "Duquesa de Bel-Tabarin" (3º acto); "Filha de Madame Angot" (1º acto), "Trombeta da Parra" (5ºquadro), "Mercador de Veneza"(Talão-arraz), "Relógio do Cardeal"(2º acto), "Bomba real" (quadro da Indústria Nacional), "Tic-Tac" (quadro das conservas), "Gato por Lebre" (quadro da Praça do Comércio), "Marido Provisório"(2º acto-salão árabe), "Viva Portugal"(2º quadro do 2º acto, monumentos principais do Mundo), "Olho do Diabo", "Salão dos Concertos", "Viagem de Suzete".

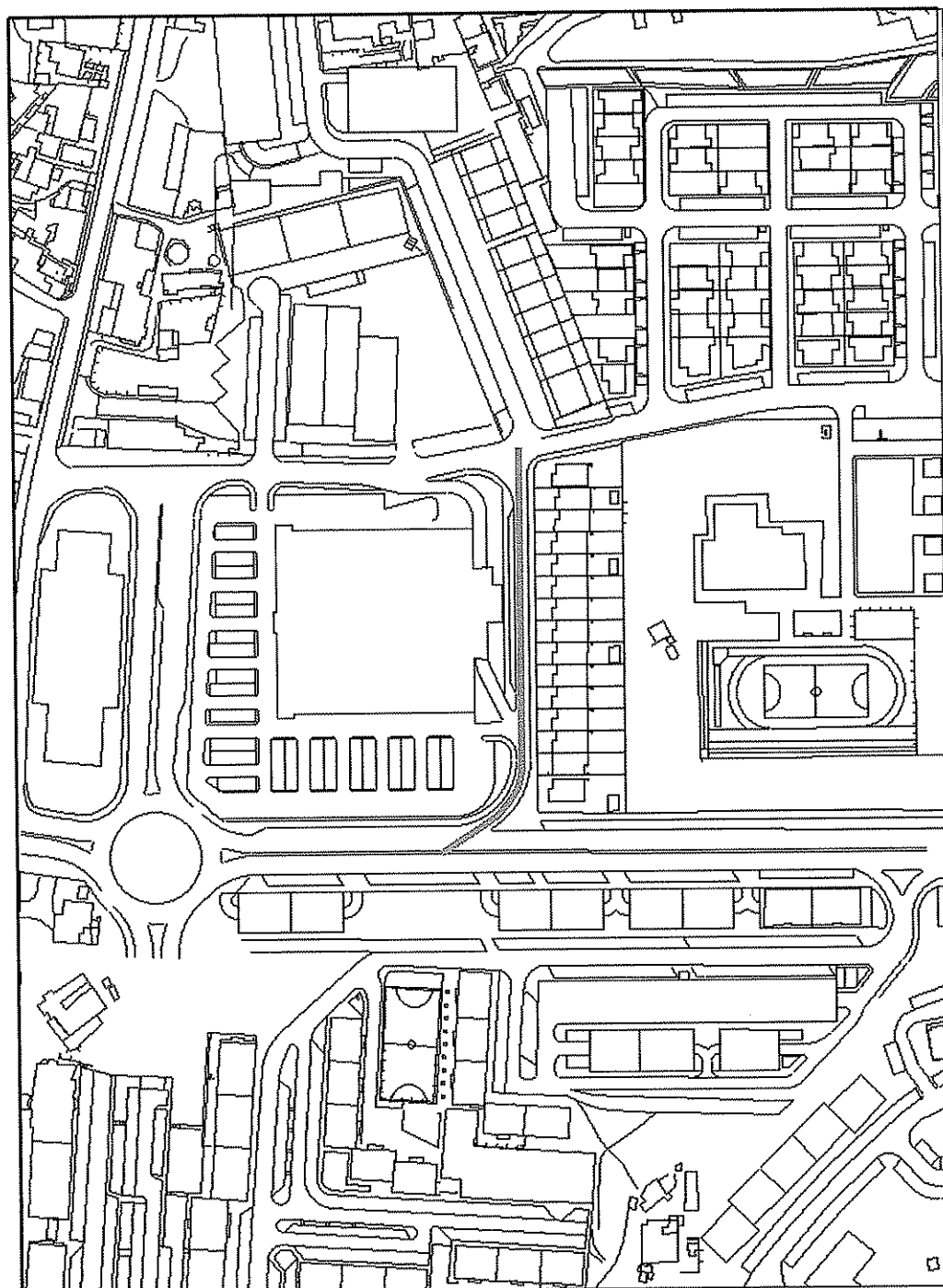
Considerava sua obra prima o trabalho efectuado para a peça de Rui Chianca- 2º acto de "D. Francisco Manuel de Melo", com a sua Alfama realizada, no teatro D. Amélia, empresa de S. Luís de Braga.



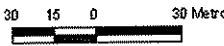
Falecido em 1946, a sua morte não mereceu quaisquer notícias de caixa alta, passando completamente despercebida nos meios artísticos lisboetas. Apesar disso, podemos reconhecer com segurança que Joaquim António Viegas marcou um espaço importante na cenografia

portuguesa das primeiras duas décadas do século XX e, particularmente, em Lisboa, onde o teatro conheceu, então, uma época áurea.

Durante a sua vida, Joaquim António Viegas adquiriu dezenas de cartazes de grande qualidade plástica, onde se conta a história dos primeiros filmes estrangeiros exibidos em Portugal (1900-1916), havendo nessa colecção, cartazes que as distribuidoras já não possuem, como é o caso da Leon Gaumont.

Essa colecção de 136 cartazes de cinema, à qual se irmanam mais 140 cartazes de circo e de publicidade da época, foi legada ao Museu Municipal de Faro, tendo figurado numa exposição integrada nos eventos de "Faro – Capital da Cultura"-2005 e mais recentemente, em Lisboa na "Cordoaria Nacional"-2007.



 SIG	Proposta de Toponímia - "Joaquim António Viegas"	
 Escala 1:2.000		
Base Cartográfica: Propriedade da CMF/Edição PT Cobertura Fotográfica - 1997, com actualização Escala - 1:5.000	Planta de: Eduardo de Hayd, Projeção de Gauss, Datum 73 Altura 99: Datum do Marégrafo de Carcass	Elaborado por: Câmara Municipal de Faro Serviço de Informação Geográfica Rua Rangel 10 1.º 20 8000-416 Faro Data de edição: Março 2010 Data de impressão: Março 2010



Rua António Gedeão

Nota Biográfica:

António Gedeão, nasceu a 24/11/1906 e faleceu a 19/02/1997. Poeta e Historiador, é o pseudónimo de António Rómulo Vasco da Gama de Carvalho. Natural de Lisboa. Filho de José Avelino da Gama de Carvalho, natural de Tavira, e de Rosa das Dores Oliveira da Gama de Carvalho, natural de Faro.

Fez a instrução primária no Colégio de Santa Maria, em Lisboa. Entre 1917 e 1925 estudou no Liceu Gil Vicente.

Em 1925 matriculou-se no Curso Preparatório de Engenharia Militar da Faculdade de Ciências. Em 1928 mudou-se para o Porto, onde se matriculou no curso de Ciências Físico-Químicas, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, que concluiu em 1931.

Licenciou-se em Ciências Físico-Químicas pela Universidade do Porto e dedicou-se ao ensino liceal, tendo sido professor metodólogo.

Publicou estudos versando temas científicos, história da ciência e das instituições culturais, como "História da Fundação do Colégio Real dos Nobres de Lisboa", de 1959, e "O Sentido Científico em Bocage", de 1965, "História do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra",

de 1978, "Relações entre Portugal e a Rússia no Século XVIII", de 1979, e "A Actividade Pedagógica da Academia das Ciências de Lisboa nos Séculos XVIII e XIX", de 1981.

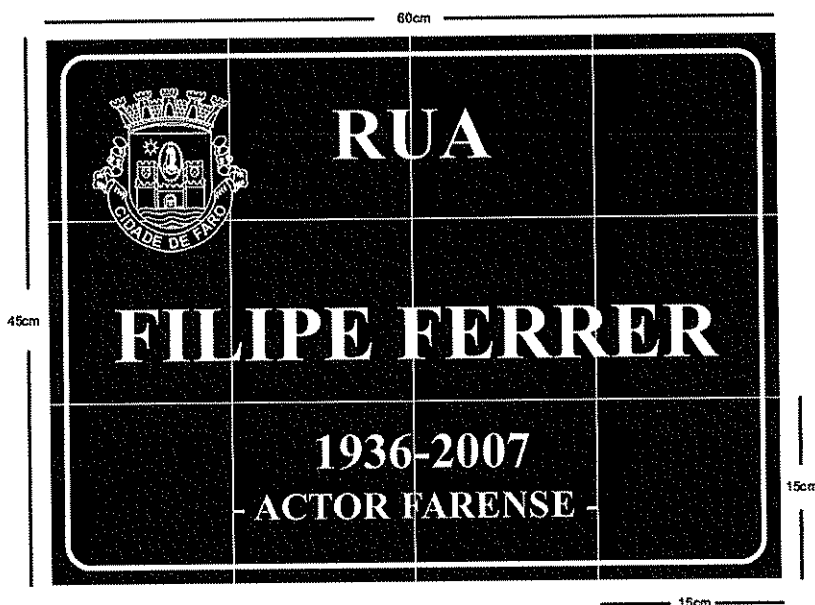
Poeta com o pseudónimo de António Gedeão, surgiu com "Movimento Perpétuo", de 1959. Reuniu toda a sua obra poética em "Poesias Completas", de 1968, tendo publicado depois "Poemas Póstumos", de 1983.

Levou a ironia e o rigor científico aos moldes clássicos, dotando-os de frescura e certo sentido cósmico. Alguns dos seus textos poéticos foram aproveitados para músicas de intervenção, sendo os mais conhecidos a "Pedra Filosofal" e "Lágrima de uma Preta".

Em 1963, publicou a peça de teatro RTX 78/24 e, dez anos depois, a sua primeira obra de ficção, "A Poltrona e outras Novelas" (1973).

No seu nonagésimo aniversário, António Gedeão foi alvo de uma homenagem nacional, tendo sido condecorado com a Grão-Cruz da Ordem de Santiago da Espada.





Rua Filipe Ferrer

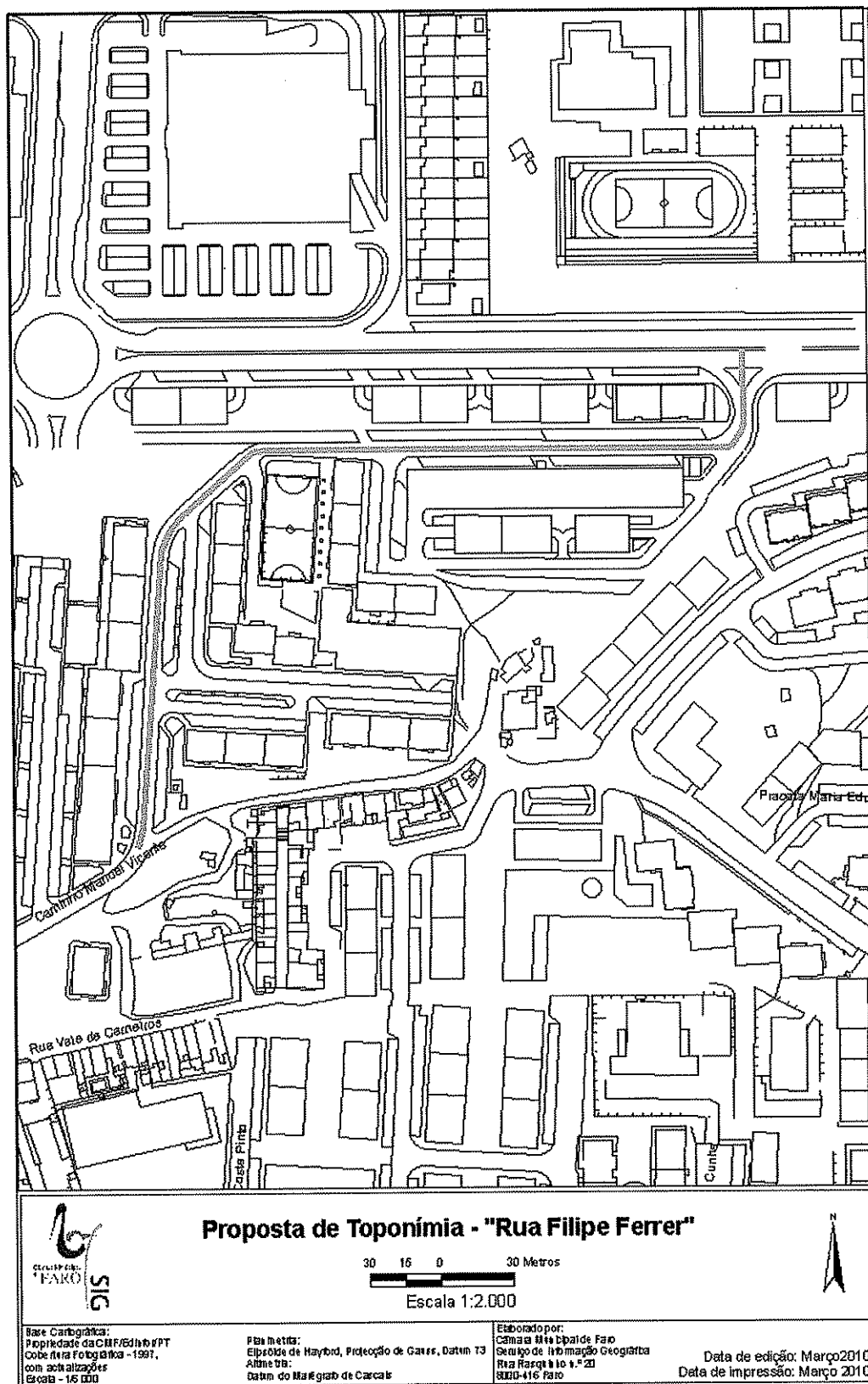
Nota Biográfica:

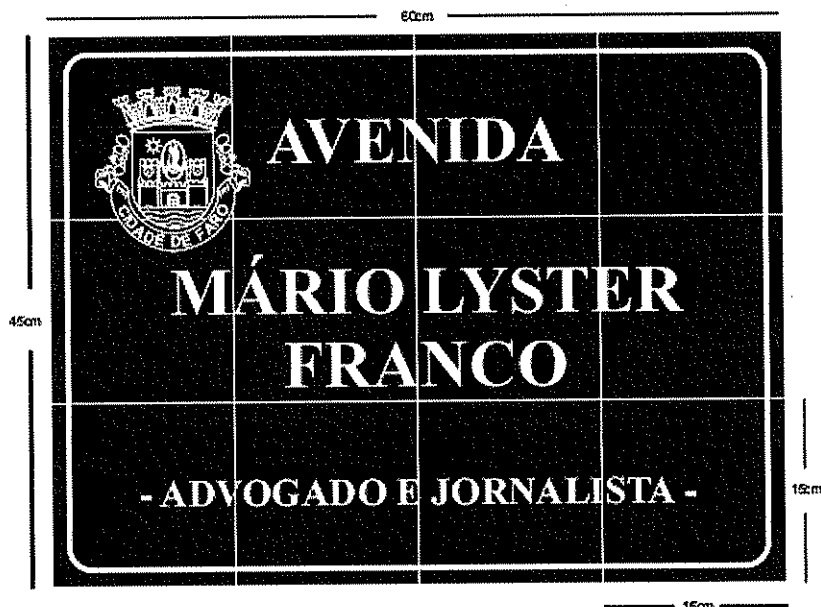
José Lopes do Rosário (Filipe Ferrer), nasceu em Faro a 25 de Agosto de 1936 e iniciou a sua carreira artística aos 13 anos, no Colégio de Sto. Tirso, onde estudou Teatro. Viajou para Londres – Trabalhou na BBC ao mesmo tempo que frequentava um curso de Teatro – e passou também por França e pelo Brasil.

Regressou a Portugal nos anos 80 e participou em mais de 60 filmes, 15 telenovelas e séries. O seu último trabalho em televisão foi em “Conta-me como foi” exibido na RTP-1.

Em 2005 protagonizou “As pestanas de Greta Garbo”, peça da sua autoria que se estreou na “Casa da Comédia” e com a qual fez uma digressão nacional.

Morre em Lisboa a 26 de Junho de 2007, quando em parceria com a Câmara Municipal de Faro, esteve a organizar várias iniciativas para comemorar o aniversário do poeta algarvio, António Ramos Rosa nascido também em Faro em 1924.





Avenida Mário Augusto Barbosa Lyster Franco

Nota Biográfica:

Foi uma criança precoce. Aos oito anos escrevia no jornal *O Algarve*. Ainda adolescente, participou no I Congresso Regional Algarvio e, durante toda a vida, pugnou pelos interesses da sua região. Muito jovem, foi um dos fundadores e director do semanário *O Algarvio*, que defendia a autonomia da região.

Antes, no semanário *O Heraldo*, do qual seu pai era director, colaborou na secção "Gente Nova – Futurista", ao lado de Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros e Fernando Pessoa,

Enquanto estudante universitário, já em Lisboa, foi redactor do jornal *A Pátria*, de *O Tempo*, e de *A Palavra*.

Depois de licenciado em direito, volta à terra natal, onde exerce advocacia e se multiplica em actividades, sem nunca, contudo, deixar de estar ligado aos jornais. Foi redactor regional do *Diário de Notícias* e, durante cerca de 40 anos, dirigiu o *Correio do Sul*.

Desde sempre, pugnou pelo Turismo como fonte de receita e de potenciais benefícios culturais para a Região, tendo criado a Comissão de Iniciativa e Turismo.

Homem abertamente da situação, antes do 25 de Abril, foi presidente da Câmara Municipal de Faro, por duas vezes, e vereador durante anos. Contudo, o seu amor a Faro, ao Algarve e, de um modo geral, aos assuntos culturais, determinou-lhe atitudes progressistas quando estava em jogo a defesa dos interesses da sua Região.

Dedicou-se à historiografia e à arqueologia e publicou vastíssima obra sobre os mais variados temas, de que referiremos alguns títulos:

- Uma Inscrição Inédita de Ossoba*
- Porque me Orgulho de ser Algarvio*
- As termas romanas de Monchique*
- A Pesca do Atum na Costa do Algarve – achegas para a sua história*
- Manuel Teixeira Gomes – o Homem que regressou*
- Homenagem a José Formosinho*
- Breve Notícia da Presença de Judeus no Algarve*
- Algarviana*, obra de fôlego, apenas com um volume publicado (A e B).

Mário Lyster Franco foi sócio do Grupo Português da História das Ciências; da Associação dos Arqueólogos Portugueses; da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia do Porto; da Academia de Letras do Rio Grande do Sul (Brasil); do Instituto Arqueológico Alemão, de Berlim e da Academia de Ciências de Lisboa.

Segundo as suas próprias palavras foi “*também o sócio nº167 da Sociedade Portuguesa de Escritores, há anos ingloriamente extinta*”, pela PIDE, a mando do Ministério do Interior do governo de Salazar, acrescentamos nós.

Foi oficial da Ordem Militar de Cristo e Comendador da Ordem do Mérito Civil de Espanha.

Em 1982, a Câmara Municipal de Faro edita o volume I da sua obra *Algarviana – subsídios para uma bibliografia do Algarve e dos outros algarvios*, que inclui apenas as letras A e B, a qual, como o autor diz no início do prefácio:

“Levou praticamente algumas dezenas de anos, pouco menos, que paralisada no canto de uma estante e que tirará da sua continuidade o seu principal interesse”.

Uma das mais justas homenagens a este algarvio devotado à sua Região, seria a publicação integral da *Algarviana*, correspondendo assim à vontade expressa do autor.





Praceta Dr. Lázaro Doglioni

Nota Biográfica:

Médico italiano. Instituidor do Teatro Lethes.

Lázaro Doglioni, nasceu em Veneza a 8 de Agosto de 1778, tendo-se formado em Medicina pela Universidade de Pavia; chega a Faro em 1804, vítima de naufrágio, do qual se salvou com as suas duas irmãs.

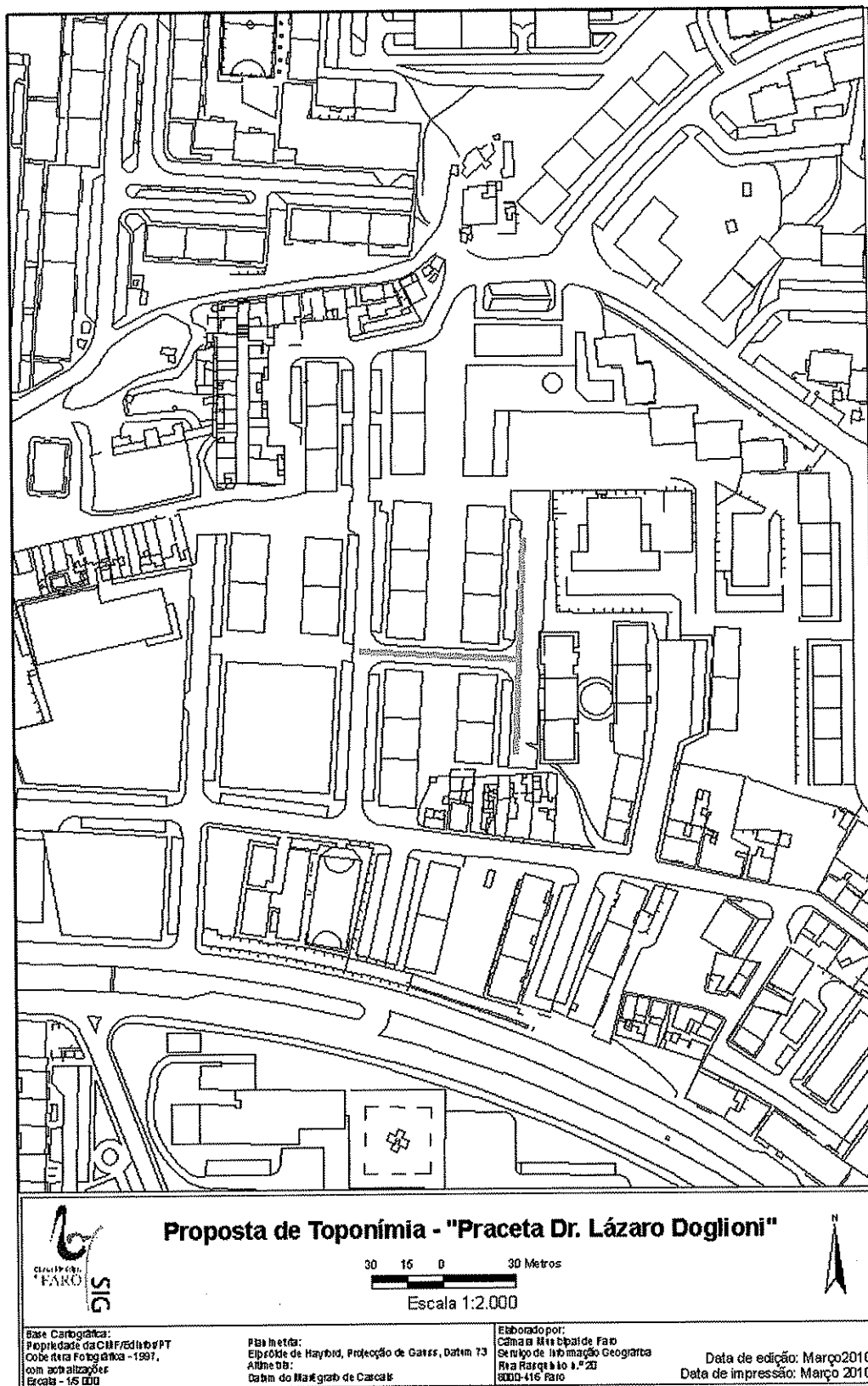
Notável médico, foi calorosamente recebido pela Sociedade Farense, tendo-se fixado na nossa cidade, onde se casou com a filha de José Barrs Crispim, cônsul inglês, que o acolheu logo nos primeiros momentos.

No primeiro quartel do séc. XIX, manda construir o Palacete da Rua Lethes, onde até há poucos anos, esteve instalada a Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve.

Em 1843, adquiriu em hasta pública, o antigo colégio da Companhia de Jesus, então devoluto, dada a expulsão por Mouzinho da Silveira das ordens religiosas sedeadas em Portugal, para o transformar no 1º Teatro lírico da cidade.

As obras de adaptação a teatro da antiga igreja, foram dirigidas por Lázaro Doglioni, com a colaboração de um seu sobrinho, o Dr. Justino Cúmano, tendo nesta adaptação sido preservada parte da talha dourada existente a qual foi oferecida à Santa Casa da Misericórdia para reutilização na recentemente renovada Igreja da Misericórdia.

O Dr. Lázaro Doglioni faleceu em Faro a 7 de Novembro de 1858.





Praceta Melvin Jones

Nota Biográfica:

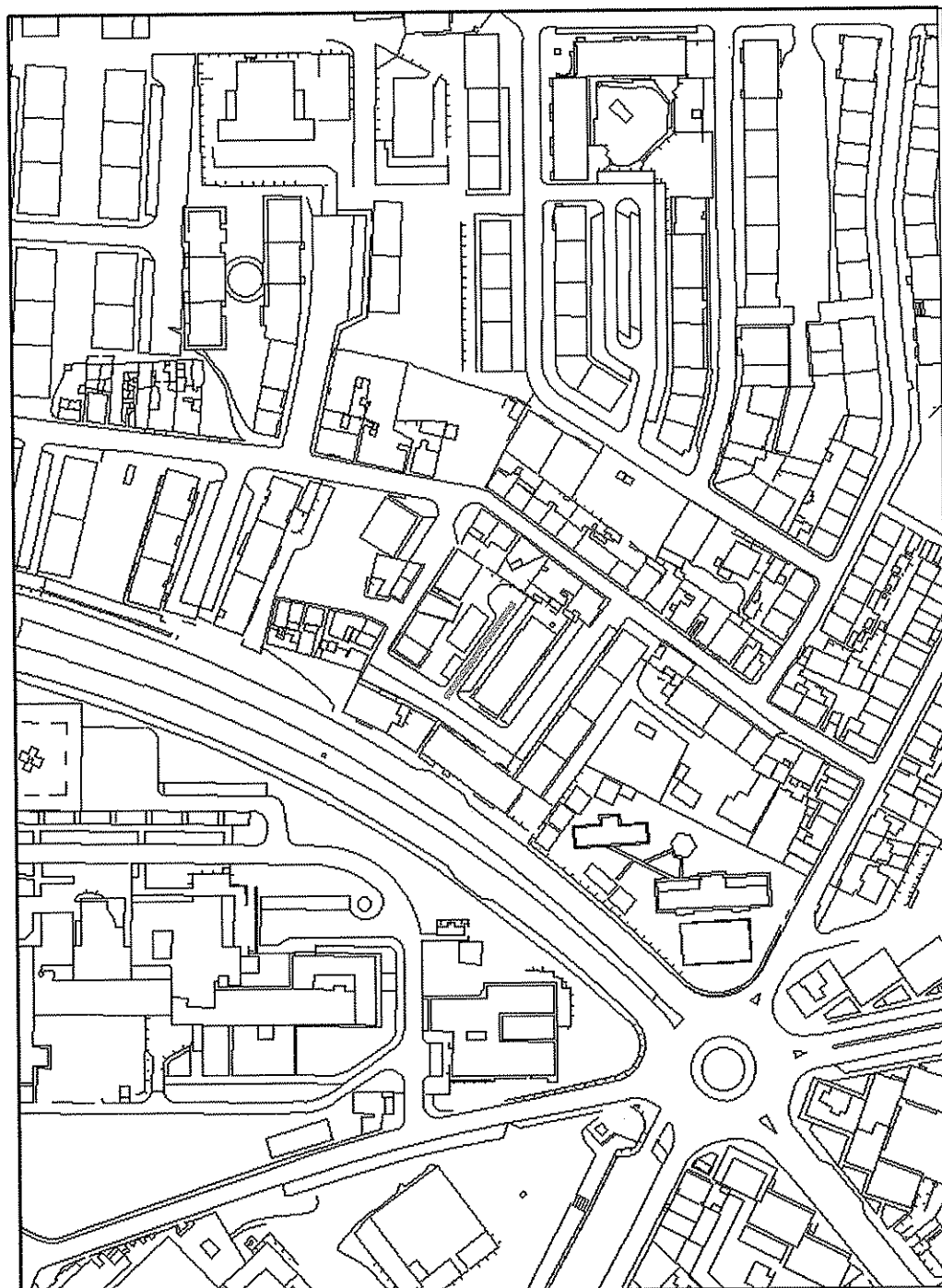
Melvin Jones nasceu em 13 de Janeiro de 1879 em Fort Thomas, Arizona, EUA, filho de um capitão do Exército dos Estados Unidos que comandava uma tropa de soldados. Mais tarde, seu pai foi transferido e sua família mudou-se para o leste. Quando rapaz, Melvin Jones viveu em Chicago, Illinois, EUA, tornou-se sócio de uma companhia de seguros e, em 1913, formou sua própria agência.




Logo juntou-se ao Business Circle, um grupo de empresários que se reunia para almoços, e em pouco tempo foi eleito secretário. Esse grupo era apenas mais um dentre tantos outros que, naquela época, se dedicavam exclusivamente a promover os interesses financeiros dos seus associados. Devido à sua oferta limitada, esses grupos estavam fadados a desaparecer. Melvin Jones, entretanto, tinha outros planos. "E se esses homens que são bem-sucedidos devido à sua iniciativa, inteligência e ambição, pusessem seu talento para trabalhar em benefício de suas comunidades?", indagou Melvin Jones. Assim, mediante seu convite, representantes de clubes masculinos reuniram-se em Chicago para fundar uma organização com tal finalidade em 7 de junho de 1917, e assim nasceu o Lions Clubs International.

Com o tempo, Melvin Jones abandonou sua agência de seguros para dedicar-se em tempo integral ao Lions, na Sede Internacional em Chicago. Foi sob sua liderança dinâmica que o Lions Clubs conquistou o prestígio necessário para atrair sócios com consciência cívica.

O fundador da associação também foi reconhecido como líder fora dela. Uma de suas grandes honrarias deu-se em 1945, quando representou o Lions Clubs International como um conselheiro em São Francisco, Califórnia, EUA, na Organização das Nações Unidas.

Melvin Jones, o homem cujo código pessoal "Você não irá muito longe enquanto não começar a fazer algo por outra pessoa" tornou-se um princípio orientador para pessoas com senso de coletividade no mundo todo, morreu em 1º de junho de 1961, aos 82 anos de idade. Para obter informações sobre o Memorial de Melvin Jones do Lions International em Fort Thomas, Arizona, EUA



 SIG	<h3>Proposta de Toponímia - "Praceta Melvin Jones"</h3> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> <div style="text-align: center;"> <p>25 12,5 0 25 Metros</p>  </div> <div style="margin-left: 20px;"> <p>Escala 1:2.000</p> </div> </div>	
<p><small>Base Cartográfica: Propriedade da CMF/Edição PT Cobertura Fotográfica - 1997, com actualização Escala - 1:5 000</small></p>	<p><small>Platimétrico: Elipsóide de Hayford, Projeção de Gauss, Datum 73 Altitude: Datum do Maregrafo de Cascais</small></p>	<p><small>Elaborado por: Câmara Municipal de Faro Serviço de Informação Geográfica Rua Raquel 10 s.º 2º 8000-416 Faro</small></p> <p style="text-align: right;"><small>Data de edição: Março 2010 Data de impressão: Março 2010</small></p>



Praceta Francisco Xavier Fabri

Nota Biográfica:

Nasce em 1761 em Génova Itália, filho de José Baptista Fabri e de D. Antónia Fabri.

A convite de D. Francisco Gomes de Avelar, Arcebispo, Bispo do Algarve, que nessa data acumulava as funções de Governador das Armas do Reino do Algarve, e que tinha também por incumbência o Restauro e Renovação Urbana do Algarve, muito afectado pelo Terramoto de 1775, Francisco Xavier Fabri, chega à cidade de Faro, onde se torna responsável por inúmeros projectos profundamente marcados pelas correntes Neo – Clássicas, dos quais se destacam:

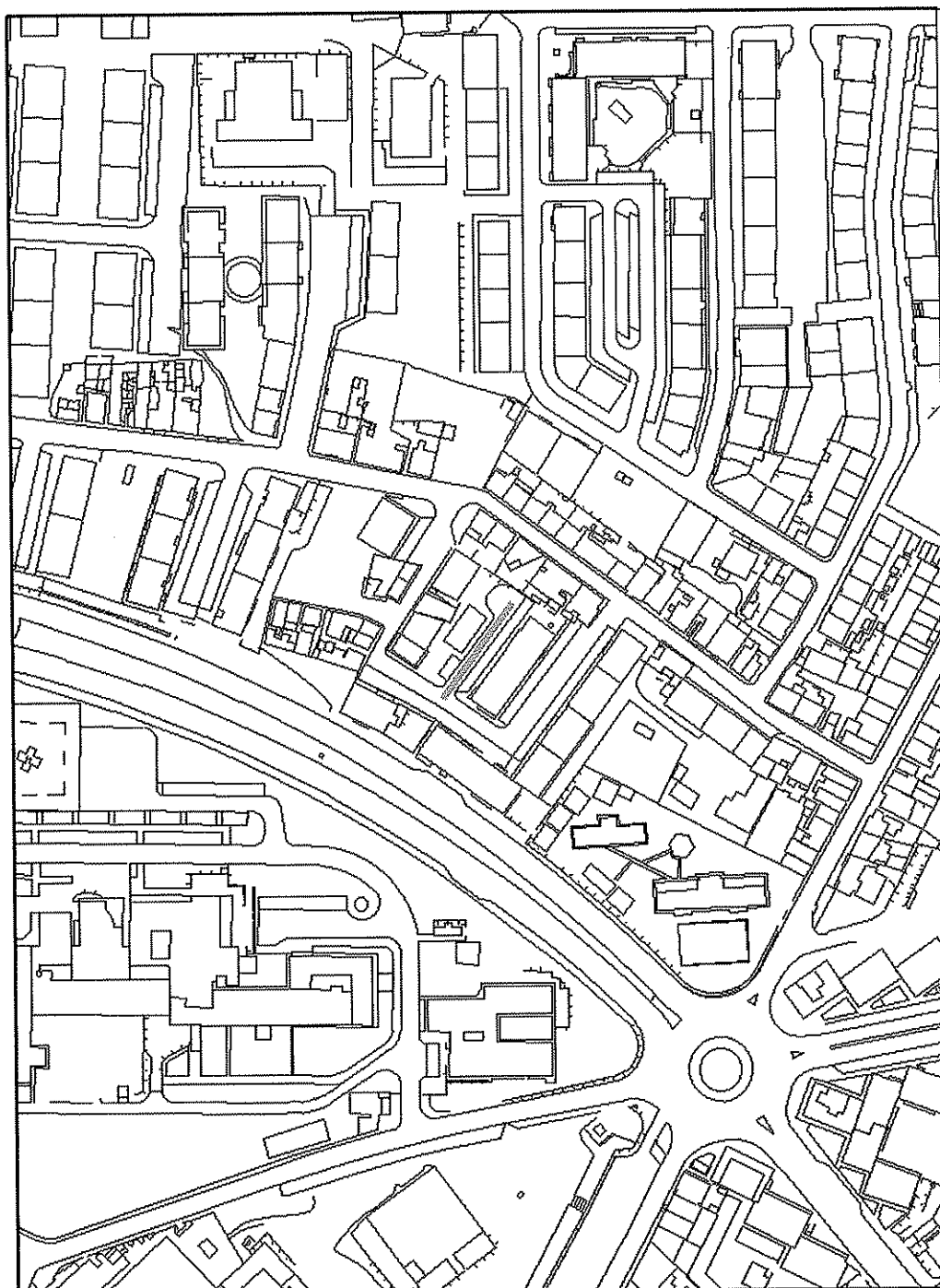
- ▣ Hospital e Fachada da Igreja da Misericórdia
- ▣ Arco da Vila
- ▣ Igreja de S. Luís
- ▣ Igreja de S. Martinho de Estói
- ▣ Seminário de S. José de Faro
- ▣ Fora de Faro
- ▣ Igreja de Sta Maria do Castelo – Tavira

■ Igreja Matriz de Aljezur

Dada a qualidade do seu trabalho, nos princípios do séc. XIX, é chamado à corte para dirigir as Obras do Palácio Real da Ajuda, tendo igualmente sido responsável pelo projecto do Palácio dos Condes de Castelo Melhor (actual Palácio Foz nos Restauradores).

Foi também responsável pelo início das escavações do Teatro Romano de Lisboa, ao Caldas, descoberto nos finais do séc. XVIII, após as derrocadas do Terramoto de 1775, que permitiu a visualização do espólio arqueológico existente no subsolo dessa área citadina.

O arquitecto Francisco Xavier Fabri nomeado Cavaleiro da Ordem de Cristo, morre em 1807, presumivelmente em Lisboa tendo legado à cidade de Faro e região do Algarve, a mais profunda marca Neo – Clássica do seu património edificado.



Proposta de Toponímia - "Praceta Francisco Xavier Fabri"

25 12,5 0 25 Metros

Escala 1:2.000

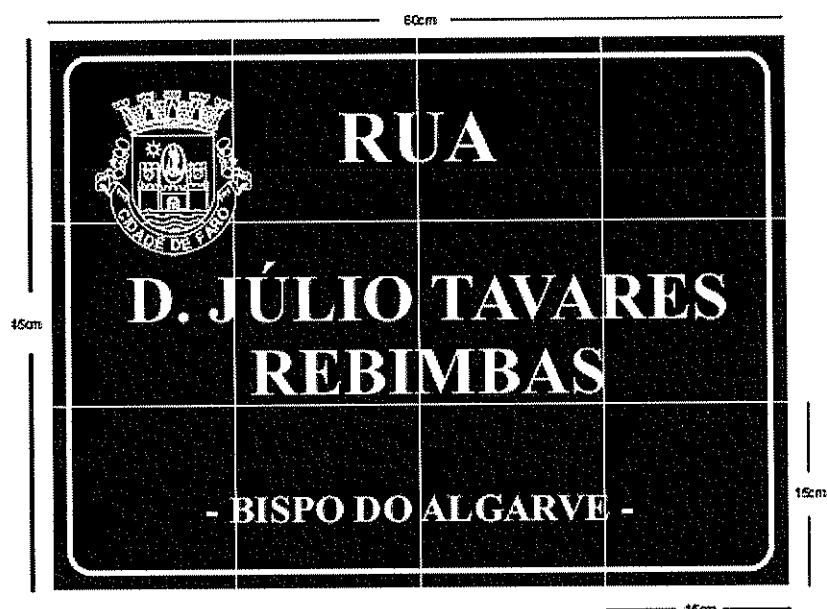


Base Cartográfica:
Propriedade da CMF/Edição/PT
Cobertura Fotográfica - 1997,
com actualizações
Escala - 1/5.000

Projeção:
Escala de Hayford, Projeção de Gauss, Datum T3
Altitude:
Datum do Marégrafo de Cascais

Elaborado por:
Câmara Municipal de Faro
Serviço de Informação Geográfica
Rua Raquelito 1, 2º 21
8000-416 Faro

Data de edição: Março 2010
Data de impressão: Março 2010

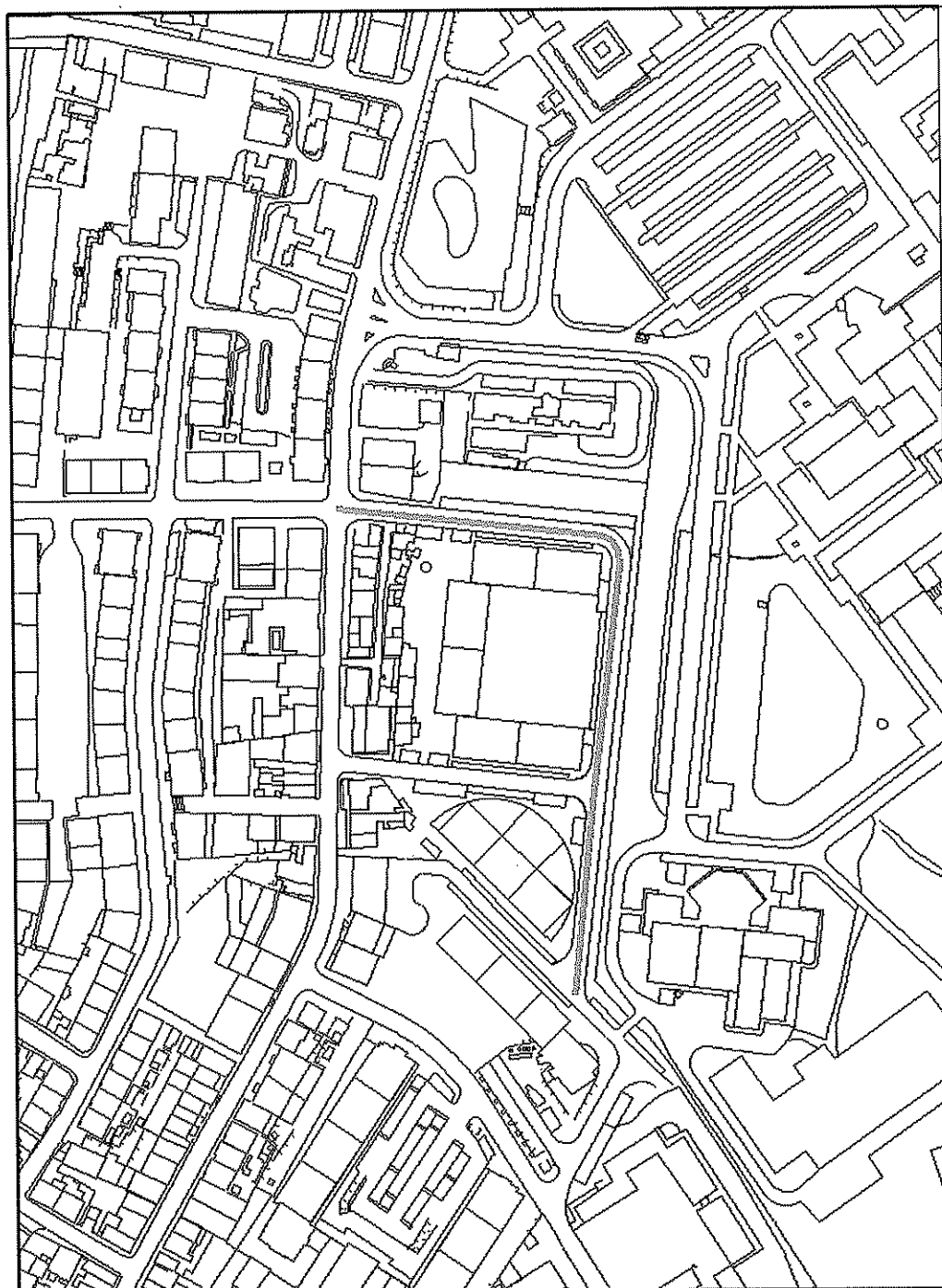


Rua D. Júlio Tavares Rebimbas

Nota Biográfica:

Júlio Tavares Rebimbas nasceu em 21 de Janeiro de 1992 em S. Mateus do Bunheiro, Murtosa, Aveiro.

Foi bispo do Algarve, exercendo esse cargo entre 1966 e 1972. De seguida, foi bispo auxiliar de Lisboa (1972-1977), primeiro bispo de Viana do Castelo (1977-1982) e enfim Arcebispo Bispo do Porto, entre 1982 e 1997.



Proposta de Toponímia - "Rua D. Júlio Tavares Rebimbas"

30 15 0 30 Metros

Escala 1:2.000

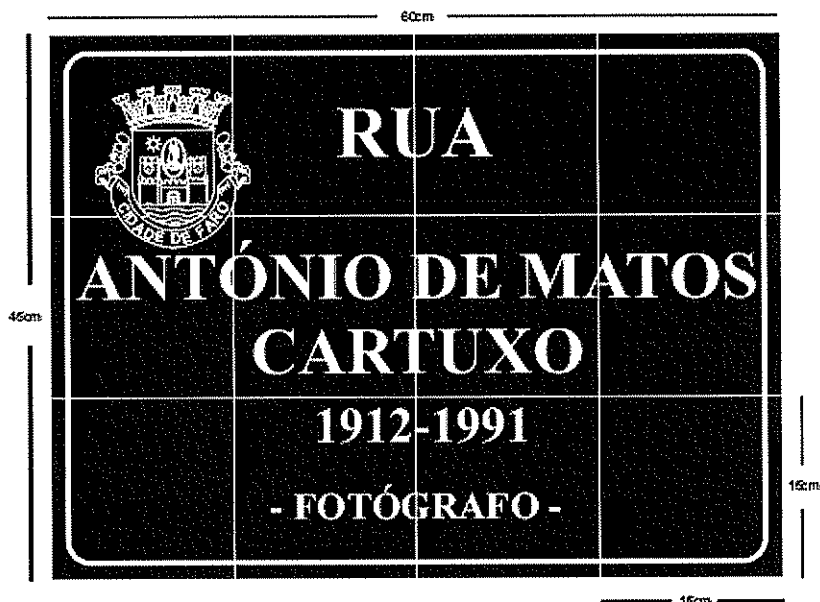


Base Cartográfica:
Propriedade da C.M.F./Edição 9/PT
Cobertura Fotográfica - 1997,
com actualizações
Escala - 1:5 000

Projeção:
Elipsóide de Hayford, Projeção de Gauss, Datum 73
Altitude:
Datum do Mapa geod. de Cascais

Elaborado por:
Câmara Municipal de Faro
Serviço de Informação Geográfica
Rua Henrique I, n.º 21
8000-416 Faro

Data de edição: Março 2010
Data de Impressão: Março 2010



Rua António de Matos Cartuxo

Nota Biográfica:

António Matos Cartuxo nasceu em Lisboa no dia 5 de Fevereiro de 1912. Começou a trabalhar aos 14 anos na casa Furtado e Reis onde aprendeu a profissão de fotógrafo. Mais tarde abriu o seu próprio estúdio na Avenida da Liberdade em Lisboa onde ganhou reconhecimento e se tornou retratista da sociedade lisboeta.

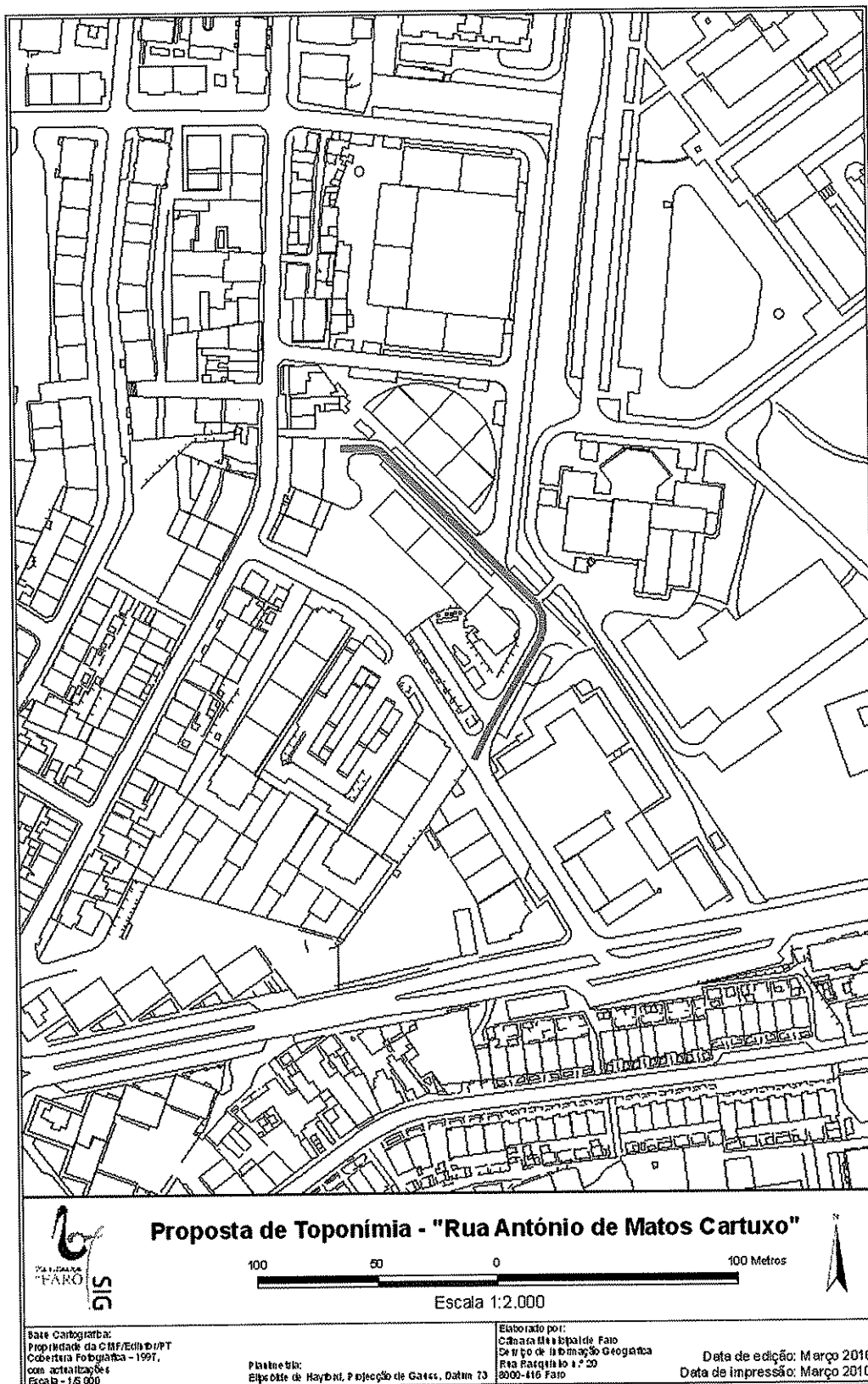
Nos anos 30 dedicou-se ao cinema. Deixou-nos filmes como Três dias sem Deus, Até à Volta, Capas Negras, O Zé do Telhado e documentários como O vale do Vouga ou Sintra Jardim de Portugal.

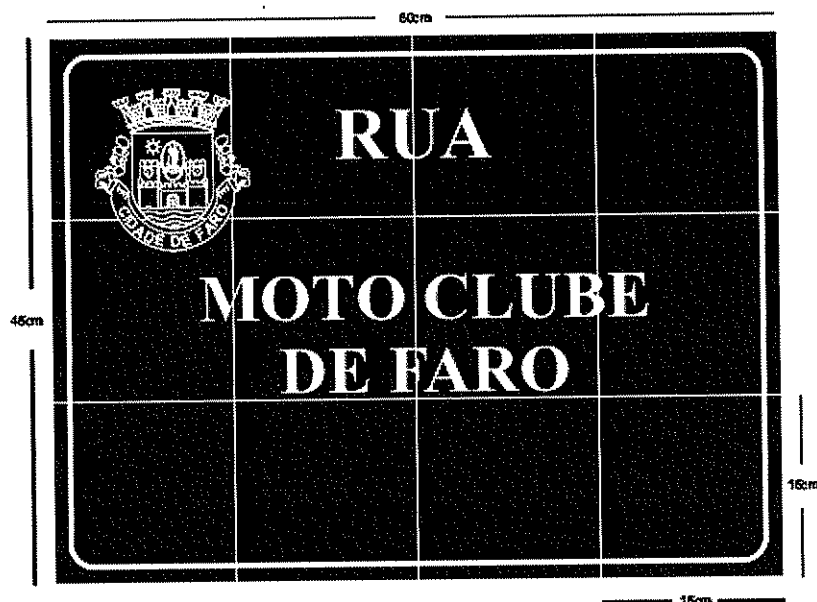
Por dificuldades surgidas nos pós guerra, que tornaram os materiais e equipamentos caros e difíceis de encontrar, desencantou-se do cinema. Em 1947 mudou-se para Faro e começou a trabalhar na Fotografia Correia. Foi aqui que se desenvolveu técnicas de fotografia como: a fotografia, o desenho, fotografias pintadas a óleo ou a pastel.

Mais tarde entre 1959 e 1961 voltou a fazer cinema. Trabalhou ainda como Operador – correspondente da RTP e da Visnews inglesa. Finalmente nos anos 70 abriu a Casa Matos.

Foi sempre muito dinâmico e activo promovendo concursos de fotografia e expondo os seus trabalhos.

Recebeu o prémio revelação da P. Academy de Nova York. Conciliou o seu estúdio de fotógrafo com o trabalho na Comissão Regional de Turismo (1974-1978) e no Gabinete de Planeamento do Algarve. Encantou-se pelo Algarve e serviu-o com as suas múltiplas formas de arte e trabalho. Pertenceu ao grupo do Teatro Lethes. Faleceu em 1991.





Rua Moto Clube de Faro

Nota Biográfica:

Pela primeira vez, em 1982, promove-se um acontecimento marcante para a vida de toda a região e especialmente para a cidade de Faro, a 1ª Concentração de Motos de Faro, que fez deslocar ao terreno perto do Aeroporto de Faro, cerca de duzentos motociclistas, sendo somente quatro portugueses, à excepção dos elementos da organização. Desde essa data nunca foi interrompida a organização da concentração, havendo sempre a registar um aumento significativo de presenças, e maior diversidade de países representados. Todo o esforço desenvolvido em cada ano tem sido recompensado com a participação maciça de motociclistas e com o reconhecimento unânime da qualidade da organização, pela imprensa Nacional e Estrangeira. A importância do Moto Clube de Faro e da sua Concentração traduzem-se na passagem a "Concentração Internacional de Motos" em 1991, a única em Portugal a ser incluída no Calendário Internacional de Concentrações da Federação Internacional de Motociclismo (FIM).

Aqui se resumem alguns dos factos mais importantes na vida do Clube.

1982 - 1.ª Concentração com a presença de 200 motociclistas.

1984 - Exposição de motos na Feira de Santa Iria em Faro.

1991 - 10.^a Concentração passa a "Concentração Internacional de Motos", sendo incluída no Calendário Internacional de Concentrações de Federação Internacional de Motociclismo (FIM).

1993 - A primeira prova organizada no Algarve do Campeonato Nacional de Velocidade em Vilamoura.

1994 - Prova do Campeonato Nacional de Velocidade Vilamoura.

1995 - Prova do Campeonato Nacional de Velocidade Zona Industrial de Olhão.

- Exposição de Motos no Jardim Manuel Bivar em Faro.

1996 - Prova de Troféus de Velocidade Zona Industrial de Olhão.

1997 - Filiação na Federação Europeia de Motociclismo (FEMA).

- Realização de Prova de Troféus de velocidade no Largo de S. Francisco em Faro.

1998/99 - Realização de Prova de Troféus de velocidade no Largo de S. Francisco em Faro.

2000 - Realização de 3 provas do Campeonato Nacional de Velocidade no Autódromo do Estoril com a colaboração do Moto Clube do Montijo e Motor Clube do Estoril.

2001 - Realização da vigésima concentração internacional de motos consecutiva.

2003 - Participação na Expomoto, no Expo Salão da Batalha.

2004 - Participação no Radical Custom Show, organizado pelo Moto Club Pecquencourt e Nicolas Chauvin

- Participação no Bilbao Motor Show, no Bilbao Exhibition Center.

- Realização da 25.^a concentração consecutiva.

O mérito e o empenho do Clube no desenvolvimento de actividades que promovem a região encontra-se registado em diversas distinções de mérito, dos mais variados quadrantes da sociedade.

Destacam-se as seguintes:

1992 - O Clube Dom Pedro distingue o Moto Clube de Faro como "Sócio de Honra", pela sua acção meritória em prol desse Clube.

A revista Motojornal distingue a Concentração de Faro como o "Acontecimento do ano de 1992"

1993 - A Federação Nacional de Motociclismo agraciou o Moto Clube de Faro com o " Diploma de Mérito Motociclista".

1995 - A revista Inglesa Easyriders atribuiu à Concentração de Faro o título de "Melhor Evento Jornalístico Mundial de 1995".

1996 - Foi atribuído pela Associação do Comercio Automóvel de Portugal (ACAP) o troféu "Capacete de Ouro - Personalidade Publica".



Departamento de Urbanismo
Divisão de Gestão Urbanística

1997 - O Moto Clube de Faro foi distinguido pela Região de Turismo do Algarve pelo relevante contributo prestado na divulgação e promoção turística do Algarve.

2002 - O Moto Clube de Faro foi agraciado com a "Medalha de Mérito Turístico - Grau de Prata" pela Secretaria de Estado do Turismo.

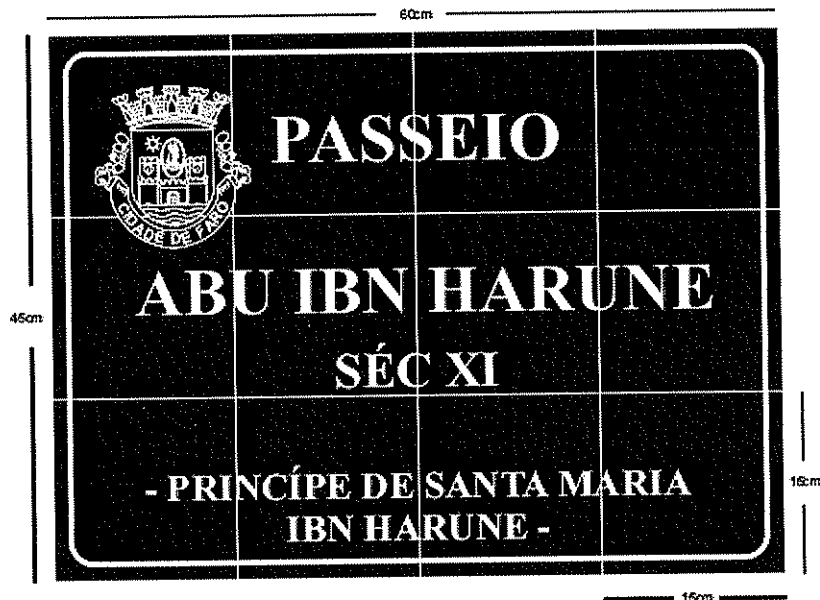
"Medalha de mérito" pela Federação Nacional de Motociclismo

"Medalha de agradecimento" pela Cruz Vermelha Portuguesa

"Medalha de ouro Cidade de Faro" pela Câmara Municipal de Faro

2007 - O Moto Clube de Faro foi agraciado com a "Medalha de Mérito Turístico - Grau Ouro" pela Região de Turismo do Algarve.





Passeio Abu Ibn Harune

Nota Biográfica:

Governador da taifa de Santa Maria de Harun entre 1016 e 1041/42.

Originário de Mérida, de uma família muladi ou berbere.

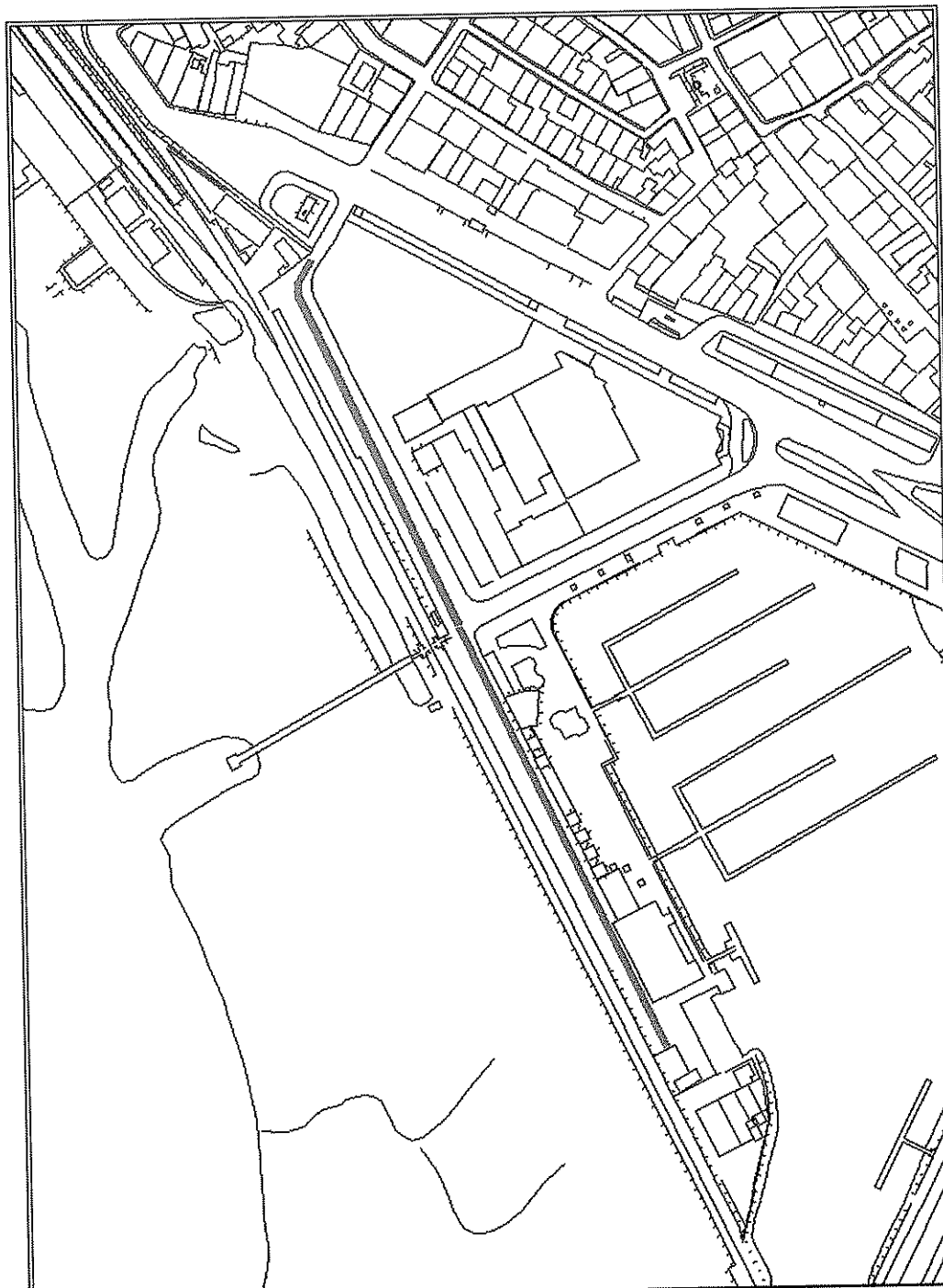
Em 1016, por serviços prestados na corte e fidelidade aos omíadas, o Califa Sulayman al Mustain confia o governo de Osseonoba a Abû Ibn Harûn, o qual se estabelece na capital, Santa Maria do Ocidente, onde vem fundar um principado.

Proclama-se senhor independente da sua cidade em 1026 dando-lhe o seu próprio nome – o reino taifa de Santa Maria de Harun – onde reinou até 1042 (?).

Sucedde-lhe o seu filho Muhammad entre 1042 e 1052, ano da anexação de Santa Maria de harun e os seus distritos ao reino taifa de Sevilha.

Do seu apelido Harûn, provêm o topónimo Faro.

Harun - Harune - Farune – Faaron - Faro.



Proposta de Toponímia - "Passeio de Abu Said Ibn Harune"

100 50 0 100 Metros

Escala 1:2.000



Base Cartográfica:
 Propriedade da C.M.F./Edição PT
 Cobertura Fotográfica - 1991,
 com actualizações
 Escala - 1/5.000

Planimetria:
 Elipsóide de Hayford, Projeção de Gauss, Datum 73

Elaborado por:
 Câmara Municipal de Faro
 Centro de Informação Geográfica
 Rua Raquillo s.º 20
 8000-416 Faro

Data de edição: Março 2010
 Data de impressão: Março 2010



Rua Cidade de Huelva

Nota Biográfica:

Cidade capital da Província de Huelva integrada na região de Andaluzia, com a qual a Câmara Municipal de Faro celebrou nos finais do séc. XX um protocolo de gemação.





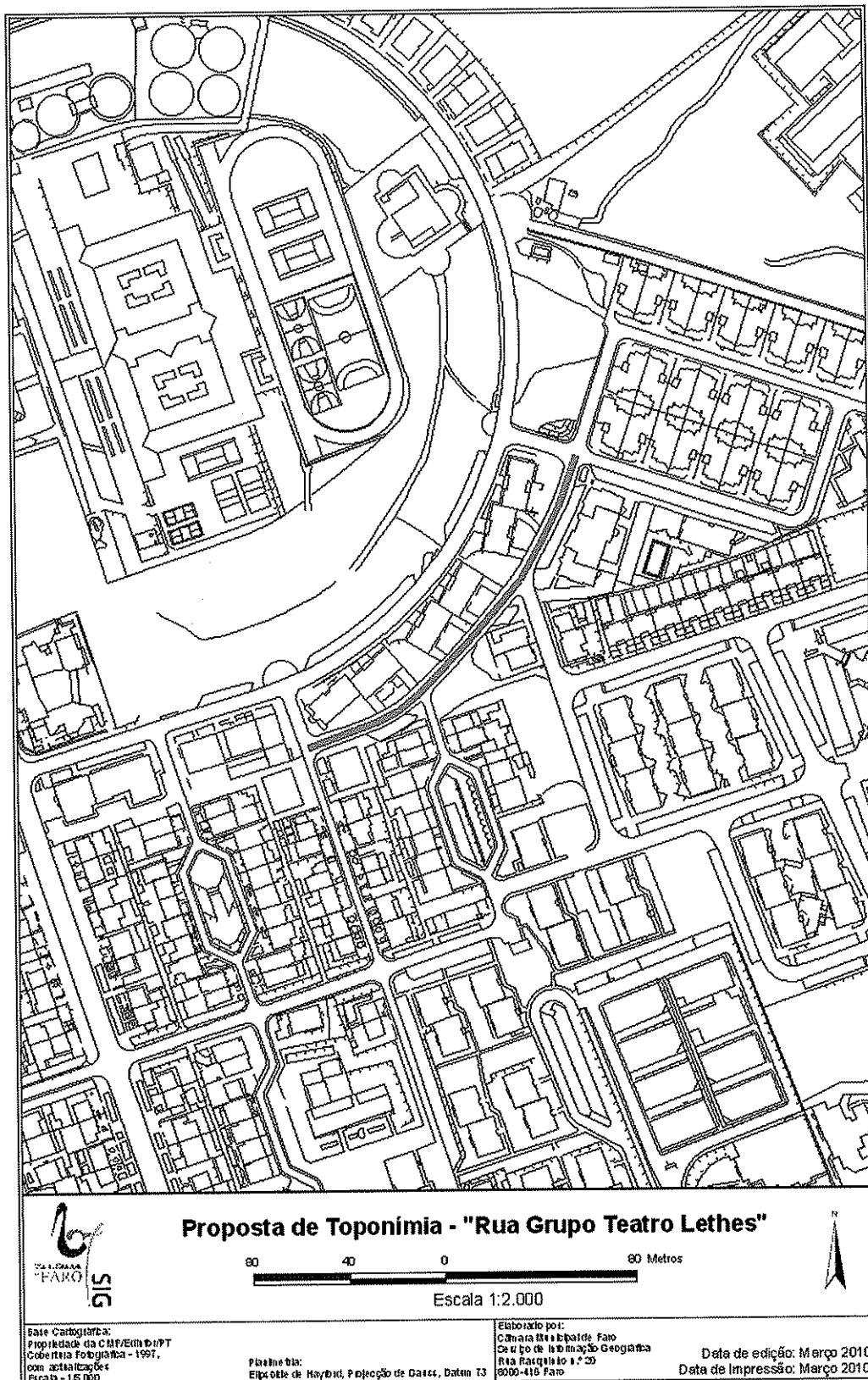
Rua Grupo de Teatro Lethes

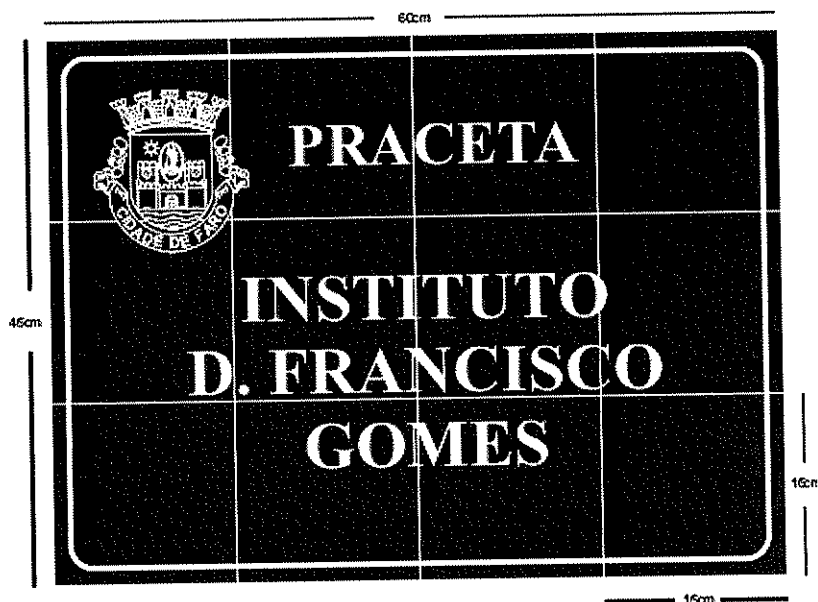
Nota Biográfica:

Em 1957 nasce este grupo, numa secção de teatro do Círculo Cultural do Algarve (1940-1989); com direcção e gestão independentes, adoptando o nome de Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve. Entre 1964 e 1972 vai estar sediado nas instalações da extinta Sociedade Recreativa 20 de Janeiro (Rua do Alportel), mantendo ainda a designação inicial.

A convite da Cruz Vermelha Portuguesa vai instalar-se, em 1972, no Teatro Lethes, tomando nessa época a designação actual; em 1986 abandona estas instalações por ordem da Delegação Regional da Secretaria de Estado da Cultura. Desde 1989 está instalado num pequeno armazém, cedido pela Câmara Municipal de Faro, tendo somente capacidade para acomodar o seu património e proceder a ensaios de leitura.

O Grupo de Teatro Lethes é um dos mais antigos grupos de teatro amador do país. Da sua actividade resultou o nascimento de outros grupos de amadores, a opção profissional para alguns elementos e, claro, a conquista de público(s) para o teatro. Colabora assiduamente com várias Associações Particulares de Solidariedade Social, nas mais diversas actividades: espectáculos de angariação de fundos, participação em reuniões públicas, simpósios, congressos e acções de formação. O Grupo de Teatro Lethes foi um dos Grupos Fundadores da Associação Portuguesa de Teatro Amador.





Praceta do Instituto D. Francisco Gomes

Nota Biográfica:

O Instituto D. Francisco Gomes é uma Instituição Particular de Solidariedade Social que acolhe, educa e integra na sociedade crianças e jovens que, por qualquer motivo, se viram privados de meio familiar normal.

Registada oficialmente em 1944, a Casa dos Rapazes acolhe mais de 60 rapazes, com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos, que são reencaminhados para a instituição pela Segurança Social e Comissão de Protecção de Crianças e Jovens Menores.

O objectivo máximo do Instituto D. Francisco Gomes é fazer com que no seu espaço as crianças e jovens acolhidos recuperem o equilíbrio e a estabilidade emocional essenciais para a futura integração na família e na sociedade.

Reconhecida a nível nacional, a Casa dos Rapazes foi distinguida como "Membro Honorário da Ordem de Mérito", a 5 de Outubro de 1998, por Sua Ex.^a o Sr. Presidente da Republica, Dr. Jorge Sampaio. Mais recentemente recebeu o prémio *Melhor Instituição de Solidariedade Social* pela Associação de Jovens Empresários (ANJE) e foi igualmente reconhecida pelo Montepio Geral, uma das melhores instituições de solidariedade do género, a nível nacional.

Instituto D. Francisco Gomes foi fundado em 1942 e nasceu com a finalidade de acolher crianças e jovens desprotegidos, do sexo masculino, dando-lhes educação e formação moral e profissional.

A instituição sempre conheceu a sua morada no prolongamento da estrada do Bom João, hoje Rua José de Matos. Ao início a estrutura da instituição não passava de uma casa grande, da qual se pagava uma renda. Nas diversas divisões funcionava o dormitório, o refeitório, sala de aula, casa de costura, cozinha e arrecadação. Não muito afastado deste edifício existia um complexo que servia de balneário aos educandos. Nessa altura e durante muito tempo, nos terrenos da propriedade, os educandos criavam animais, plantavam alguns legumes e tratavam das árvores de fruto ali existentes.

Em 1963, Aníbal da Cruz Guerreiro adquire o edifício para a Casa dos Rapazes, concretizando um sonho de longa data e passando a garantir melhores condições para os educandos. No entanto, só nos anos 70, já sob a Direcção de Hélder Martins do Carmo, secundado pelo Eng. Matos Junça (posteriormente Director da Instituição) se deu forma ao sonho de Aníbal da Cruz Guerreiro, com a construção dos 6 pavilhões que hoje em dia reconhecemos na instituição. É curioso saber que em 1974, aquando da criação da Universidade do Algarve, não havia instalações para o seu arranque sendo o Instituto D. Francisco Gomes a ceder o espaço que permitiu a iniciação da mesma. Foram construídos primeiros andares nos 2 pavilhões mais a norte que durante cinco anos serviram de salas de aula aos estudantes universitários.

Desde essa data, a evolução da infra-estrutura da instituição tem sido notável, com a criação de campos de jogos, construção do pavilhão gimnodesportivo e melhoramento contínuo das primeiras instalações.





Rua Raul de Matos

Nota Biográfica: Tipógrafo e poeta.

Nasceu em Faro, em 1915

Faleceu em Faro, a 17 de Junho de 1996.

Poeta e operário, menino ainda, empregou-se como aprendiz na tipografia União/Folha de Domingo e aí trabalhou até à aposentação, tornando-se um dos mais conceituados tipógrafos do Algarve. Chefiou as oficinas gráficas da empresa e, em 1985, passou à situação de reforma com a categoria de oficial Impressor.

Poeta espontâneo e muito querido das juventudes de várias gerações, foi autor de dezenas de letras para marchas populares da sua cidade, onde participou, como actor, na actividade teatral de grupos amadores. O historiador Teodomiro Neto, no jornal O Algarve, de 1 de Dezembro de 1988, num artigo com o título «Dois Poetas da Palavra», junta Raul de Matos com o grande poeta fareense, António Ramos Rosa, e daquele dirá as seguintes eloquentes palavras:

«Raul de Matos começou a trabalhar na palavra, ainda criança, sem passar pela escola; foi agrupando letras metálicas até construir a palavra na tipografia União, onde o menino iniciou a precoce vida de homem. Como tipógrafo agarrou-se profissionalmente às letras, depois o poeta ajuntou as palavras, claras, ligeiras, bonitas, simples. À sua medida...»

A produção poética de Raul de Matos ficou dispersa por vários jornais, nomeadamente pelo jornal da «sua casa», a *Folha de Domingo*. Conquistou vários prémios em certames literários e, graças à solidariedade dos seus camaradas tipógrafos e da direcção da Tipografia União, viu em letra impressa o seu único livro *Que Terra é Essa o Algarve?*, de onde transcrevemos) poema-aguarela «A Minha Terra».

A Câmara Municipal de Faro atribuiu a Raul de Matos a Medalha de Mérito da Cidade.





Travessa Maria Vitória Mattos

Nota Biográfica:

D. Maria Vitória Pereira de Mattos

Casou com o Dr. Justino Cúmano (é mãe do Dr. Constantino Cúmano). O teatro encerra entre 1882 até ao início de 1889 (período respeitante à doença do Dr. Justino Cúmano que viria a falecer em 1885). A direcção do teatro recai nas mãos do seu cunhado, Francisco Constantino Pereira de Matos. O falecimento deste, em 1901, traria o teatro de novo para as mãos de Maria Vitória Pereira de Mattos Cúmano. A sala foi encerrada iniciando-se em 1906 as obras de restauro, sob a orientação de João Coelho Pereira de Matos e do pintor José Filipe Porfírio (autor de toda a pintura dos tectos e de um pano de boca com paisagem bucólica); os trabalhos estavam concluídos em Abril de 1908.

Maria Vitória Pereira de Mattos Cúmano faleceu em 1920.

